

# ESG

GUIA COMPLETO PARA EMPRESAS E PROFISSIONAIS

exame.

# 1 Introdução

---

## 2 A ascensão do ESG

- O que é ESG
  - Contexto histórico
  - As ondas de inovação
- 

## 3 O impacto do ESG nos negócios

- Vantagens competitivas para empresas que adotam o ESG
  - Em quais áreas o ESG pode ser aplicado?
  - Como a materialidade é definida
  - Como as empresas colocam o ESG em prática?
- 

## 4 O ESG como direcionador de carreiras

- A carreira mais requisitada do momento
  - Quanto ganha um profissional de ESG
  - O que faz um profissional de ESG na prática?
  - Além do CSO: os possíveis caminhos de atuação em ESG
- 

## Bônus

- ## 5
- O estágio da agenda ESG nas empresas brasileiras
  - Hidrogênio verde: por que o Brasil não vai perder esse bonde bilionário
  - Quer saber quando as mudanças climáticas chegarão ao limite? Olhe para a água.

Nos últimos anos, o ESG tem ganhado destaque no mercado e *revolucionado* a forma com que empresas e profissionais encaram o sucesso dos negócios.

E se você chegou até aqui é porque – **mais do que entender pura e simplesmente o que é ESG** – provavelmente deseja **compreender como as empresas estão aplicando esses princípios em suas operações** e como você pode se beneficiar desse cenário. Então você está no lugar certo.

Este e-book foi cuidadosamente pensado para ser o seu **guia definitivo sobre o ESG**. Nas próximas páginas, vamos explorar desde o surgimento e a ascensão do termo até o impacto que essa abordagem pode ter no cenário empresarial global – passando por conceitos essenciais para entender, aplicar e se destacar na área.

No capítulo sobre negócios, por exemplo, exploraremos as vantagens competitivas que as empresas podem obter ao adotar práticas ESG, discutiremos como as empresas definem suas questões materiais e examinaremos suas diferentes aplicações.

Já no capítulo sobre carreiras, você encontrará **insights valiosos** sobre a crescente demanda por profissionais especializados em ESG, conhecerá os **possíveis caminhos de atuação** e até mesmo as faixas salariais associadas ao setor.

Esperamos que este material seja útil para você.

**Boa leitura!**

# A ascensão do ESG.

Neste capítulo, vamos conhecer as **origens do termo ESG, seus três pilares principais e como essa revolução está moldando a economia**, os negócios, os governos e a sociedade ao redor do mundo.

Você vai entender como e porque pautas que, por muito tempo, interessavam somente a grupos muito específicos, tomaram as empresas de todos os tamanhos e setores, marcando presença entre as suas maiores prioridades.



ESG é a sigla para **Environmental, Social and Governance** – traduzindo para o português: **Ambiental, Social e Governança**.

## O que é ESG?

Diz respeito a um **conjunto de estratégias e ações** adotadas pelas empresas para que o seu desenvolvimento cause **impactos mais positivos para o meio ambiente**; seja socialmente mais justo, consciente e inclusivo; e também mais **responsável e transparente** em suas tomadas de decisão.

De maneira geral, ESG se resume em **3 temas-chave:** responsabilidade, transparência e identificação de risco.



Na prática, **cada letra da sigla representa um pilar** e apresenta seus próprios desafios.

PILAR  
**Ambiental**  
“E”, ENVIRONMENTAL

- Emissões de gases de efeito estufa e aumento da poluição;
- Mudanças climáticas;
- Uso eficiente da água e restrição de recursos hídricos;
- Gestão de resíduos;
- Preservação da biodiversidade.

PILAR  
**Social**

- Diversidade e inclusão;
- Impactos nas comunidades;
- Responsabilidade com clientes;
- Saúde e segurança dos colaboradores nas empresas;
- Direitos dos trabalhadores;
- Rastreabilidade da cadeia de fornecedores.

PILAR  
**Governança**

- Relacionamento com todos os acionistas;
- Gestão de riscos;
- Compliance;
- Transparência;
- Ética;
- Planejamento de longo prazo;
- Valores e cultura da organização.

Em resumo, para entender se uma empresa *atende aos critérios* das pautas ESG, é essencial que ela saiba responder a três perguntas:

Como a organização usa o seu negócio para **gerar impactos mais positivos** no planeta?

**Como se relaciona** com os seus parceiros e com a sociedade?

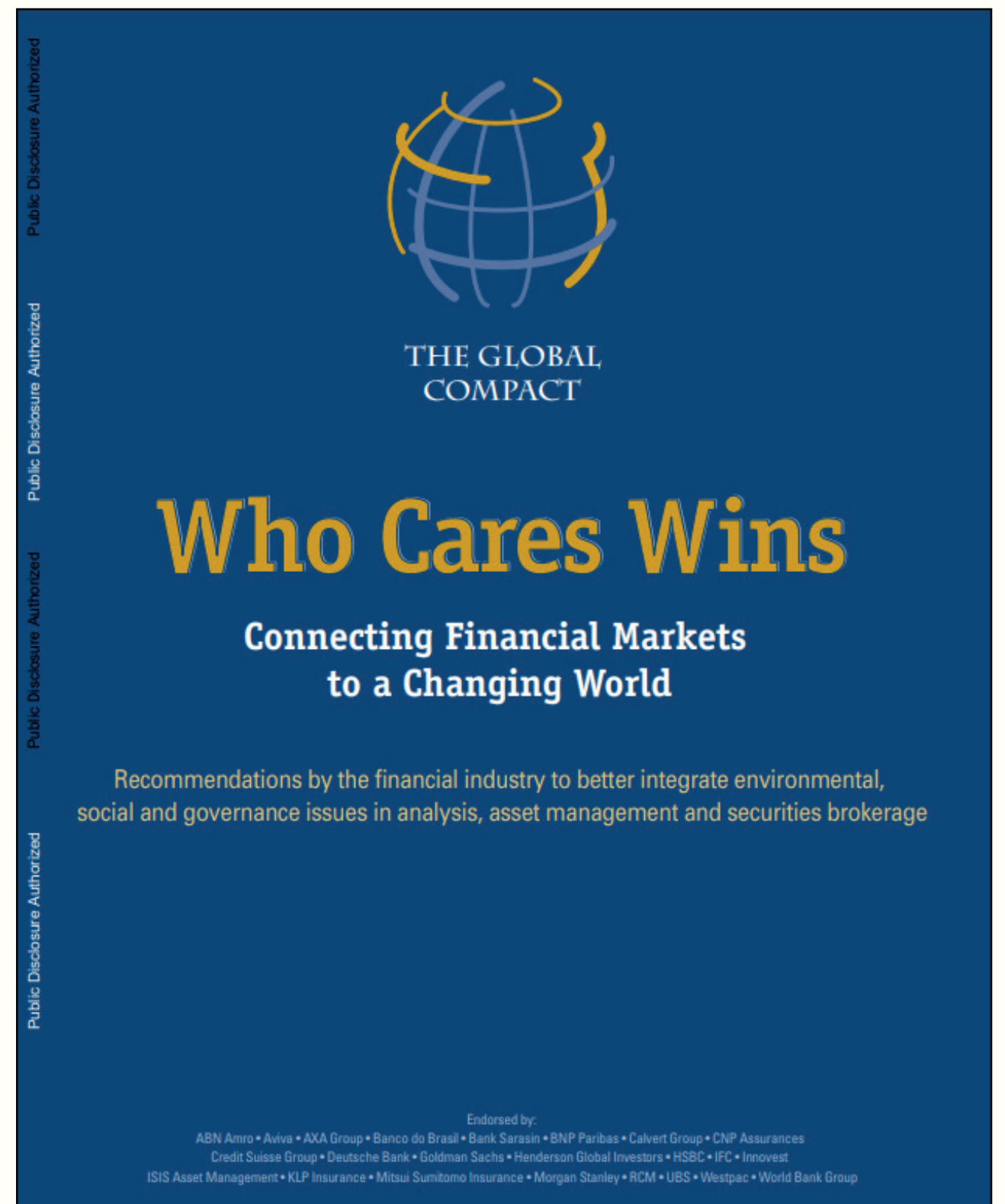
No seu planejamento estratégico, **ela entende o seu propósito?**



## Contexto *histórico*

O termo ESG foi cunhado em 2004 em uma publicação chamada **Who Cares Wins** (“Quem se importa, ganha”), do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com o Banco Mundial.

Ele surgiu após uma provocação do então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a 50 CEOs de grandes instituições financeiras sobre **como integrar os fatores ambientais, sociais e de governança no mercado de capitais.**



(The UN Global Compact/Reprodução)

**A publicação estabeleceu as bases do investimento sustentável, que hoje bate à porta do mercado com urgência.** A partir daí, as pautas relacionadas ao meio ambiente e à sustentabilidade, que até então interessavam basicamente a grupos engajados com esses temas, passaram a dominar os negócios, ocupando cada vez mais espaço na agenda de companhias de diferentes tamanhos e setores e **orientando suas decisões financeiras, estratégicas e de investimento.**

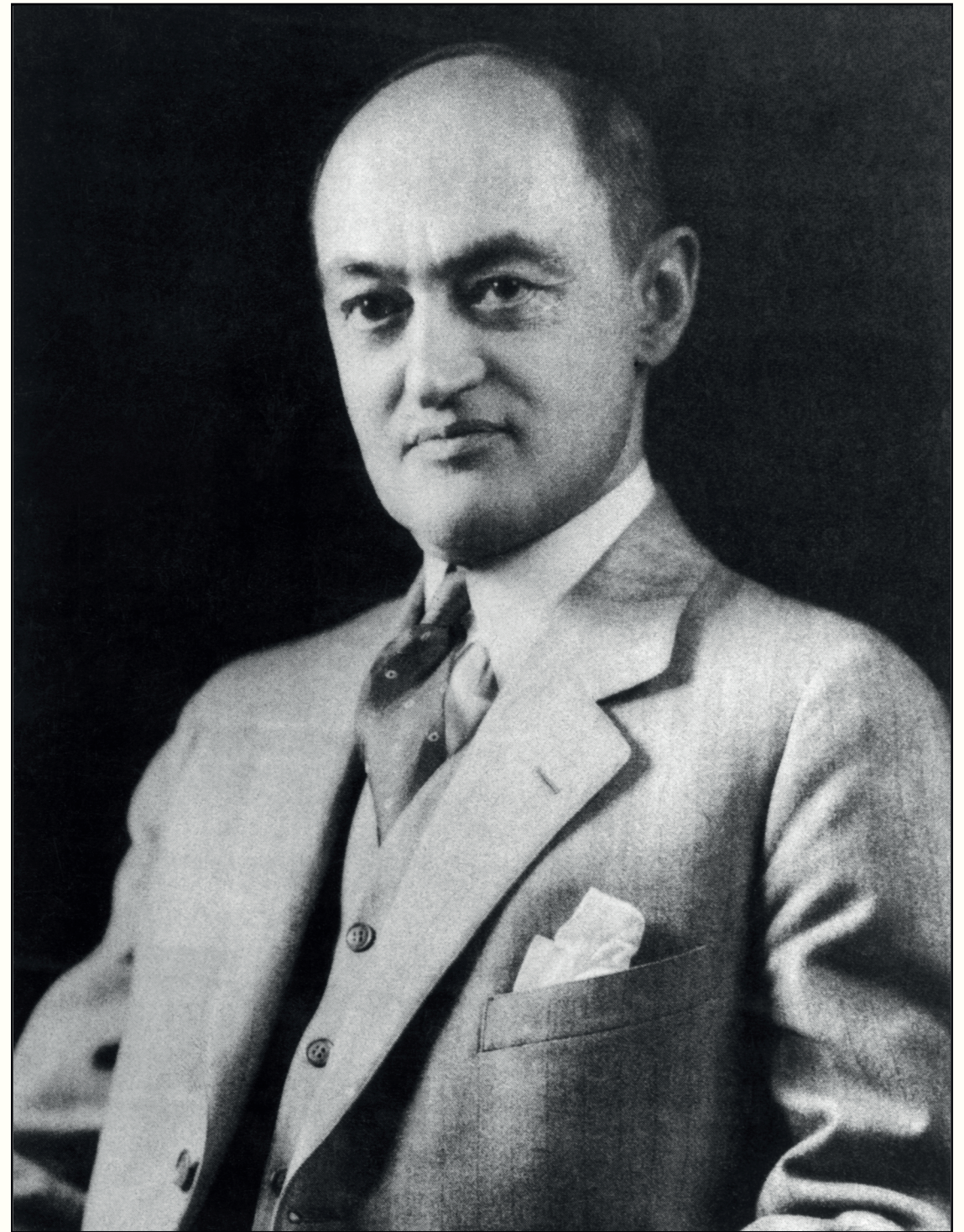
## *As ondas de inovação*

Nos últimos anos, **uma tese começou a ganhar relevância no cenário ESG.** Trata-se de uma teoria que não só ajuda a explicar a urgência do tema no mundo mas que também **reforça as grandes transformações que as suas pautas estão gerando na economia, nos negócios, na política e na sociedade.**

É a chamada **teoria das Ondas de Inovação, ou Ciclos de Inovação,** elaborada pelo economista e cientista político austríaco **Joseph Schumpeter** (1883-1950).

**Schumpeter** é considerado **um dos economistas mais importantes** da primeira metade do século 20 e foi um dos primeiros a considerar as **inovações tecnológicas como motor do desenvolvimento capitalista**.

Na sua visão, a **inovação é o maior motor do capitalismo**, pois é ela que faz com que o sistema econômico se reinvente de tempos em tempos. **É o que o economista chama de destruição criativa.**



O economista e cientista político austríaco Joseph Schumpeter é considerado o pai da teoria das Ondas de Inovação (Bettmann/Getty Images)

É exatamente a partir desse fenômeno que surgem as chamadas **ondas de inovação**, um conjunto de ciclos que, há mais de dois séculos, **representam verdadeiros divisores de água na história da humanidade**.

Até aqui, já vivemos **5 grandes ondas**:

#### **Revolução Industrial (1785-1845)**

Marcada pela chegada das fábricas de produção, principalmente a têxtil, e pelo uso da força hidráulica e do ferro.

#### **Idade do Vapor (1845-1900)**

Marcada pelas máquinas a vapor, ferrovias, pelo crescimento urbano e uso do aço.

#### **Era da Eletricidade (1900-1950)**

Introduziu as linhas de montagem, os motores a combustão, a eletricidade e o uso de produtos químicos.

#### **Produção em Massa (1950-1990)**

Trouxe os primeiros eletrônicos, aviões e o uso de produtos petroquímicos na indústria

#### **Redes e Tecnologias da Informação e Comunicação (1990-2020)**

Inclui a chegada disruptiva da internet, dos softwares e das redes sociais.

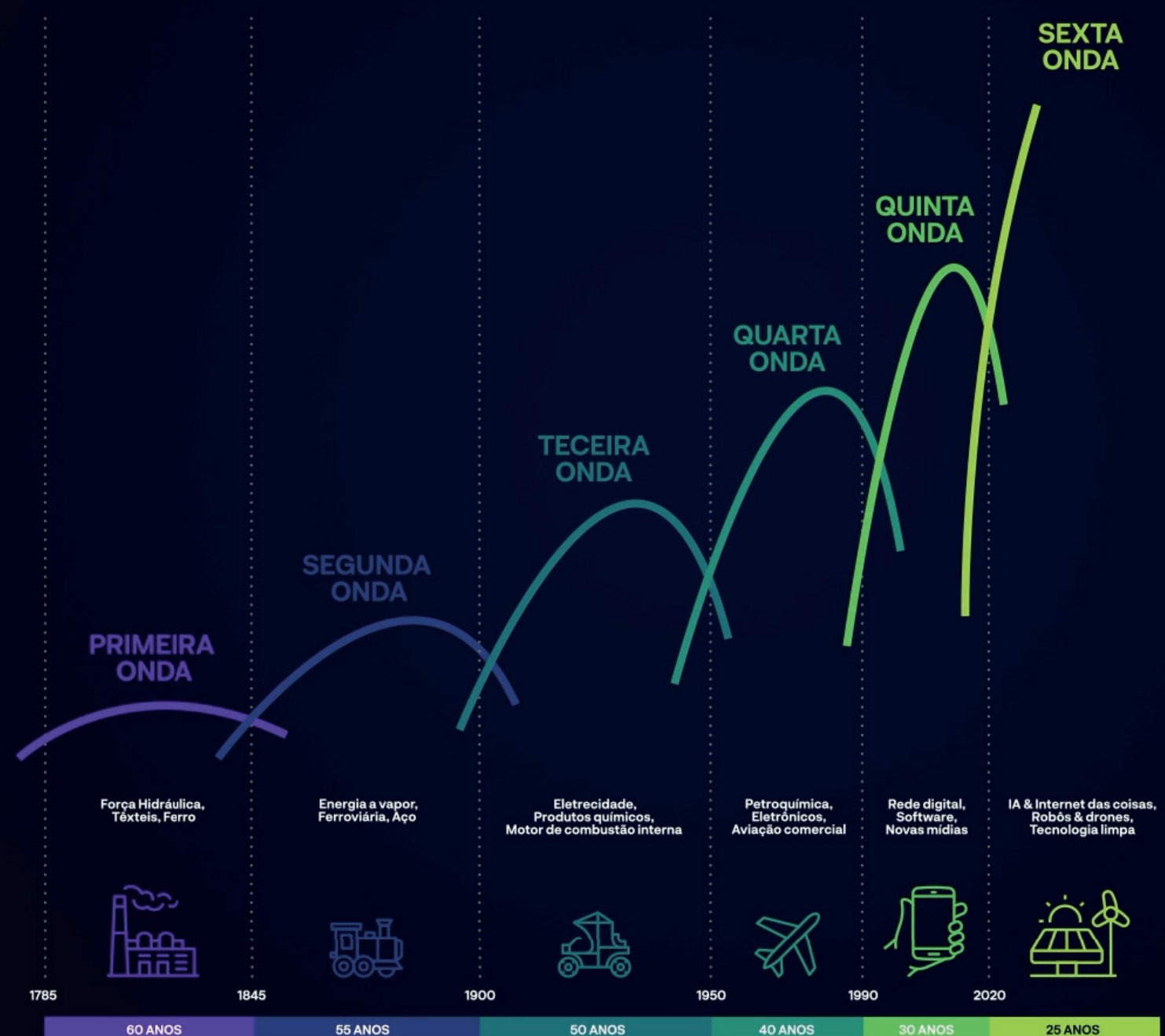


# Mas o que tudo isso tem a ver com ESG?

É que hoje, estudiosos do tema afirmam que **estamos vivendo a sexta onda: a Onda de Sustentabilidade**, marcada por tecnologias e modelos de negócios *mais sustentáveis, conscientes e responsáveis* com a sociedade e com o planeta.

Em pleno curso desde 2020, **é esperado que a sexta onda se estenda pelos próximos 25 anos** – e é dentro dela que as pautas ESG estão avançando.

## Ondas da Inovação



As seis ondas de inovação econômica (EXAME/Reprodução)

# O impacto do ESG nos negócios

Quando falamos sobre ESG, uma das grandes dúvidas que aparecem é: como as empresas colocam isso em prática?

Para saber como o termo se aplica no dia a dia das organizações, **neste capítulo iremos analisar cases de empresas** dos mais variados setores que souberam implementar os critérios de ESG em seus negócios – e **como esses exemplos geram impactos positivos** para as comunidades ao redor do mundo.

Mas, antes disso, é importante que você **entenda o que está por trás** da adoção dessas medidas e como elas são definidas e priorizadas pelas organizações. **Vamos lá?**

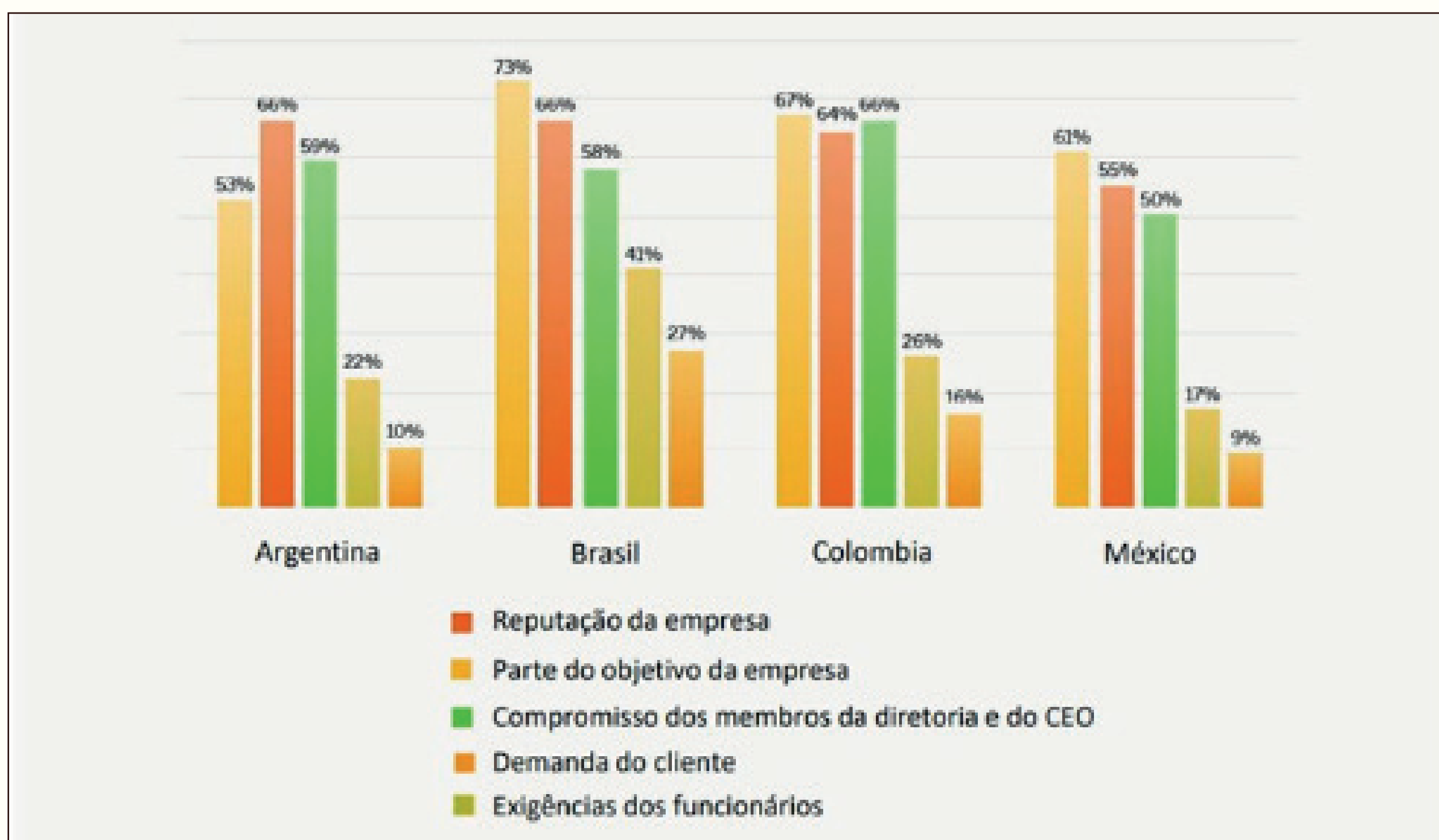


## Vantagens competitivas para empresas que adotam o ESG

Em um mundo em que os **consumidores estão cada vez mais conscientes e exigentes** em relação às práticas sustentáveis e sociais das empresas, não é difícil imaginar que a **adoção de uma agenda ESG ajude a fortalecer a reputação das organizações junto ao público** – o que também **costuma resultar em maior confiança, fidelidade e preferência** pela marca.

Uma pesquisa global realizada em 2020 pelo Institute of Business Value (IBV) já indicava, por exemplo, que **mais da metade (54%) dos consumidores estaria disposta a pagar um valor mais alto por produtos de empresas ambientalmente responsáveis**. O estudo ouviu mais de 14 mil pessoas em nove países, incluindo o Brasil.

Não à toa, um estudo realizado recentemente pela empresa de tecnologia SAP com **mais de 400 executivos** nos mercados da Argentina, Brasil, Colômbia e México, indica que os aspectos relacionados ao **propósito e à reputação da companhia** junto aos consumidores estão entre os principais motivadores para a adoção de uma estratégia ESG. Veja no gráfico abaixo.



Mas o **aumento da competitividade** não é a única vantagem que a implementação dos critérios de ESG em suas operações pode trazer às companhias. Em estágios mais avançados de adesão, o ESG começa a gerar outros benefícios – que, combinados, têm o poder de fazer com que as companhias tenham **retornos mais altos, resultados mais estáveis, e gerem mais valor a seus acionistas**. Veja alguns exemplos abaixo.

## Acesso ao capital

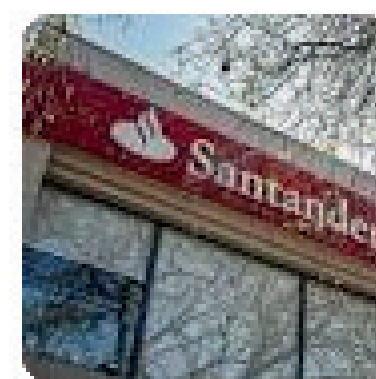
Estudos têm mostrado que **empresas com boas práticas ambientais, sociais e de governança apresentam melhor desempenho financeiro no longo prazo**. Não por acaso, investidores estão cada vez mais interessados em empresas sustentáveis e os fundos especializados em ESG estão em ascensão.

Para ter ideia, uma pesquisa da BlackRock revelou que **54% dos 425 entrevistados consideram o investimento sustentável fundamental** para o bom desempenho de suas carteiras. E a Bloomberg Intelligence estima que os recursos investidos em empresas com práticas sustentáveis ao redor do mundo devem ultrapassar os US\$ 50 trilhões até 2025.

e. Exame

### Santander investiu mais de 30 bilhões de reais em negócios sustentáveis em 2022

Empresas de serviços financeiros, como bancos, têm se preocupado cada vez mais em incluir temáticas ligadas à sustentabilidade nas agendas...



EXAME/Reprodução

## Aumento na atração e retenção de talentos

Cada vez mais, profissionais qualificados **valorizam empresas que possuem uma cultura corporativa alinhada com seus valores pessoais**. E, à medida que os *millennials* e a geração Z ganham relevância no mercado de trabalho, isso se torna ainda mais evidente. De acordo com um estudo global da consultoria de recursos humanos Randstad e divulgado em janeiro pelo Valor Econômico, **quase metade (48%) dos profissionais brasileiros recusaria uma posição em uma empresa não alinhada a valores sociais e ambientais**.

Assim, ao demonstrar compromisso com as práticas ESG, a tendência é que a empresa se torne mais atrativa para os novos talentos.

## Antecipação de demandas

À medida que a conscientização sobre as questões ambientais e sociais aumenta, governos e sociedade civil pressionam por **regulamentações mais rigorosas**. Empresas que **já têm** práticas sustentáveis e sociais estabelecidas estarão em uma **posição melhor** para se ajustar às novas exigências e evitar penalidades.

Além disso, o engajamento com os stakeholders permite que as empresas entendam melhor as expectativas do mercado, ajustem suas práticas e tomem medidas preventivas para atender às demandas emergentes.

## Em quais áreas de uma empresa o ESG pode ser aplicado?

Do RH ao financeiro – passando por comunicação, marketing, jurídico, atendimento e operações – **o ESG pode beneficiar todas as áreas de uma organização** (veja exemplos no capítulo 4).

Mas, na hora de colocar iniciativas na rua, é preciso ter em mente que o ESG **não é uma receita única** para todas as empresas.

**Para o setor de tecnologia**, por exemplo, onde inovação é essencial, **investir no pilar social é essencial para conseguir atrair e reter talentos diversos**. Já para uma empresa de infraestrutura que presta serviços para o governo, a governança é provavelmente o ponto mais relevante. Em companhias do setor de energia, transporte e mineração, por outro lado, as questões ambientais são as que mais impactam.

É a partir dessa conscientização sobre o papel das empresas na sociedade que se estabelece o **conceito de materialidade**.

A materialidade pode ser definida como a relevância que cada empresa atribui a fatores ambientais, sociais e de governança específicos do seu ramo de atuação. A depender da maneira como cada organização materializa – ou seja, prioriza – cada assunto, é possível analisar verdadeiramente seus impactos.

**Vale destacar que** o que é material para cada empresa muda ao longo do tempo.

Por isso, as organizações costumam declarar sua materialidade, ou os principais temas materiais, anualmente em seus relatórios de sustentabilidade.

A compreensão desse conceito é essencial para conseguir identificar práticas de **greenwashing** (ou "lavagem verde") – termo em inglês que diz respeito ao **apelo marqueteiro de empresas que adotam o discurso sustentável como uma maneira de atrair clientes, mas que não apresentam um verdadeiro posicionamento ecológico.**

## Como a materialidade é definida?

O processo começa com a **definição do propósito** de uma empresa. É a partir dele que são estabelecidos os **temas materiais sobre os quais a organização tem responsabilidade de agir** – e legitimidade para abordar – perante a sociedade.

Assim, com uma **matriz de materialidade bem definida**, é possível evitar que a empresa gaste recursos com temas importantes para a sociedade, mas que não têm relação com sua atuação.

Todo mundo precisa reduzir o consumo de água, por exemplo, mas isso é mais importante (material), para uma fabricante de bebidas do que para um banco.

**Definido o propósito, são, basicamente, quatro etapas para construir a matriz de materialidade:**

- 1** Identificar temas, via engajamento com stakeholders internos e externos.
- 2** Avaliar o impacto no negócio, ao analisar como cada tema ajuda a reduzir custos, aumentar a participação no mercado ou criar um poder de precificação.
- 3** Avaliar a percepção de stakeholders por meio de pesquisas e conversas, que permitem entender quais temas são os mais relevantes para clientes, funcionários, comunidade e demais stakeholders.
- 4** Montagem de uma matriz gráfica mostrando o “impacto no negócio” versus “importância para os stakeholders”, em que os temas que têm alta relevância tanto para stakeholders externos quanto para a empresa são priorizados.

## Como as empresas colocam o ESG em prática?

De empresas que tiveram de se adequar às diretrizes ESG com maestria àquelas que já nasceram orientadas por elas, separamos três para ilustrar as **diferentes maneiras que o ESG pode ser implementado.**

### Pantys

O primeiro exemplo vem da **Pantys**, startup brasileira que surgiu com a proposta de **tornar o ciclo menstrual** das mulheres não só mais leve para o corpo feminino mas também **mais sustentável para o meio ambiente.**

É que, durante sua vida fértil, uma mulher consome, em média, 180 quilos de absorvente – que são descartados como lixo orgânico no meio ambiente e podem levar até 100 anos para se decompor. E um dos objetivos da marca é justamente reduzir os montantes de lixo gerados por esse tipo de descarte.



Pantys/Reprodução Instagram

Pensamos em um espaço que reforçasse quatro tópicos importantíssimos para nós: tecnologia, utilização de material sustentável, etiquetas de carbono e nosso impacto social contra a pobreza menstrual.

disse a sócia-fundadora *Emilly Ewell* em entrevista à EXAME.

Para isso, a **Pantys** desenvolveu uma **calcinha absorvente feita de matéria-prima biodegradável**, reutilizável e 100% carbono neutro, que consegue absorver os fluidos do corpo no próprio tecido da peça e que desaparece em cerca de três anos após o descarte.

Pioneira entre as marcas de moda, a empresa possui etiqueta carbono neutro e começou sua operação apenas por canais digitais. Hoje, já marca presença em mais de 3 mil pontos de venda pelo Brasil – além de atuar na Inglaterra, França e Holanda, com e-commerce, lojas temporárias e revenda em redes parceiras.

## Grupo Fleury

O **Grupo Fleury** conta atualmente com uma **equipe de 60 pessoas dedicadas à temática ESG**. Segundo *Andrea Bocabello*, diretora executiva de estratégia, inovação e ESG, **na frente ambiental a companhia se preocupa com as emissões de carbono e a geração energética fotovoltaica**.

Entre os destaques das ações da companhia em relação ao pilar “ambiental” está a preocupação com **resíduos biológicos para a redução do uso de tubos de ensaio**. A empresa pretende reduzir em 14,12% o índice de geração de resíduos biológicos, para alcançar 0,0115kg/exame até dezembro de 2023 e em 20,54% até dezembro de 2025, visando diminuir os resíduos para 0,0107kg/exame.

Já em social, um dos cases de destaque é a **parceria com a organização não governamental Gerando Falcões** para a instalação de cabines de telemedicina em comunidades como a Favela dos Sonhos. “A ideia é oferecer uma alternativa em medicina familiar, na qual é possível cuidar da saúde de maneira preventiva, e não apenas da doença”, explica a executiva.

O programa entra em convergência com a meta estipulada pela companhia de atingir 1,5 milhão de pacientes das classes C, D e E atendidos por produtos e serviços do grupo ou que sejam impactados pelas ações filantrópicas de atendimento em saúde até 2030.





## C&A

Outro case recente é o da marca **C&A**, gigante do setor de moda e vestuário no Brasil. Segundo a Abit, todos os anos, **cerca de 170 mil toneladas de resíduos têxteis são descartadas de forma incorreta no lixo comum.**

Então, **para diminuir os impactos nocivos** de seus processos de produção e descarte de roupas, a **C&A criou o Movimento ReCiclo, um programa de recolhimento de peças de qualquer marca em 60% de suas 331 lojas.**



C&A/Reprodução

Ao depositar uma peça nas urnas verdes do programa, são abertos três possíveis caminhos para destinação: a doação para ONGs e ações humanitárias; a reciclagem (quando a peça não é apropriada para doação); e a confecção de novas peças a partir do uso dos fios.

**Além do Movimento ReCiclo, a companhia também desenvolve outros grandes projetos com foco sustentável, que levam em conta aspectos como gestão de água, de energia, saúde e justiça social na cadeia produtiva.** Um desses projetos garante que pelo menos metade dos produtos da marca tenha circularidade em alguma etapa de seus processos, ou que pelo menos tenha o seu ciclo de vida estendido até 2030.

# O ESG como direcionador de carreiras



Agora que você já conhece os impactos que o ESG é capaz de trazer para os negócios, chegou a hora de entender melhor sobre quem está por trás dessas iniciativas: **o profissional de ESG.**

**Neste capítulo,** vamos te mostrar **o que faz, quais são as principais motivações e quais são as possibilidades de atuação dessa carreira** que já possibilita aliar propósito a cargos e salários atrativos.

## A carreira *mais requisitada* do momento

Não é novidade para ninguém que as novas gerações têm um olhar diferente sobre o mercado de trabalho – e que, muitas vezes, **priorizam o propósito e o impacto por trás** de uma carreira antes mesmo da remuneração e estabilidade oferecidas por ela.

É claro que **bons salários e estabilidade profissional** continuam sendo motivadores, mas estudos apontam que **os jovens valorizam cada vez mais os compromissos assumidos pelas companhias** antes de aceitar uma nova vaga de emprego.

Uma pesquisa da consultoria *Accenture*, por exemplo, mostrou que **88% dos brasileiros que têm entre 15 e 39 anos “aspiraram a trabalhar na economia verde” nos próximos dez anos.** Outro levantamento, do *Instituto Akatu*, mostrou que **“sentir que há propósito em suas ações” está entre os três principais motivadores** dos jovens brasileiros.

De acordo com o estudo *TECH is human: O futuro do trabalho*, produzido pela parceria entre LinkedIn e WGSN em 2018, **a geração Y é a que mais prioriza o senso de propósito no ambiente profissional.** Os *millennials*, como também são chamados, **foram os primeiros a romper com modelos antigos de trabalho**, focados simplesmente em estabilidade e remuneração. Não à toa, são tão adeptos ao trabalho flexível e mais propensos à rotatividade profissional.

A **geração Z**, por sua vez, **tem exigido maior diversidade, inclusão e equidade nos ambientes profissionais**, a ponto desses indicadores tornarem-se diferenciadores competitivos no mercado de trabalho e afetarem diretamente a reputação das empresas junto aos “Zs”.

## E o que o ESG tem a ver com isso?

É que, à medida que a preocupação com questões ambientais, sociais e de governança ganhou espaço nos negócios, **conciliar propósito a boas remunerações em uma mesma carreira deixou de ser um sonho distante** para se tornar uma realidade possível: **a realidade do profissional de ESG.**

“

Há mais de dez anos, quando comecei a entender a importância do ESG para as empresas, também passei a valorizar mais aquelas que tinham não só uma cultura forte, mas principalmente um propósito. Que entendiam que, com o seu modelo de negócio, não iriam só gerar valor para os acionistas mas também contribuir para deixar um legado para a sociedade. Em ESG, eu encontrei a realização profissional que tanto buscava e a oportunidade de ser pioneira nessa área dentro de uma empresa.

”

*Renata Faber, Diretora de ESG da EXAME*

Não à toa, em uma pesquisa sobre o **perfil dos profissionais que trabalham com sustentabilidade**, realizada pela *Associação Brasileira dos Profissionais pelo Desenvolvimento Sustentável (Abraps)* em parceria com a consultoria Delloite, **sete em cada dez respondentes apontaram a realização pessoal como a principal motivação para ingressar na área**. Veja no gráfico abaixo.



Mas o senso de realização está longe de ser a única vantagem de trabalhar com o ESG.

Dado seu crescimento acelerado, **o potencial de gerar novas oportunidades (muito bem pagas) também se destaca como um impulsionador** dessa carreira no mercado.

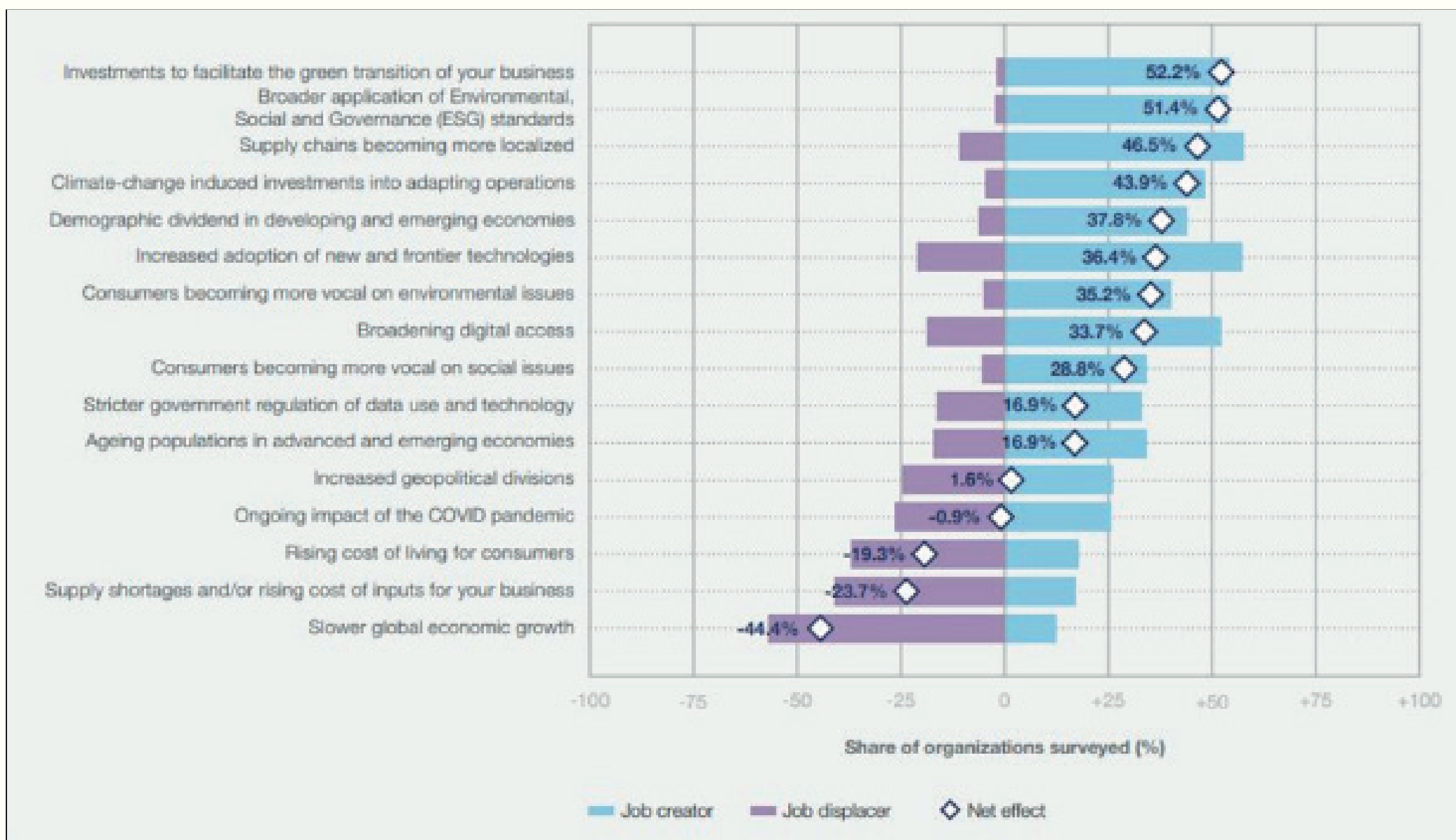
(Segunda Pesquisa Profissionais de Sustentabilidade - Deloitte/Abraps)

## Milhões de vagas sendo criadas

De acordo com o relatório *The Future of Jobs*, publicado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial, **1 milhão de novas vagas de emprego** serão abertas na área até 2027.

No documento, **o cargo de especialista em sustentabilidade** ocupa a segunda posição entre as profissões com maior potencial de gerar novas oportunidades nesse período, com uma **previsão de crescimento de 33%**.

O relatório também sugere que, nos próximos cinco anos, os efeitos mais fortes de **criação líquida de empregos** devem ser impulsionados justamente por investimentos que facilitem a transição verde das empresas, com mais da metade dos entrevistados esperando que isso aconteça.



The Future of Jobs Report 2023 (World Economic Forum)

Dados da *GlobalData* também ajudam a ter uma ideia da dimensão da **revolução que o ESG está fazendo no mercado de trabalho**. A consultoria revelou que, enquanto em maio de 2021 havia cerca de 531 postos de trabalho na área, em maio de 2022 este número chegou a 1.049 – **um salto de 98%** em apenas 12 meses.



## Quanto ganha um profissional de ESG?

Enquanto a **busca por especialistas em ESG cresce exponencialmente**, o número de pessoas qualificadas para trabalhar na área não acompanha o mesmo ritmo – o que incentiva a disputa por profissionais e impulsiona os salários no setor.

Segundo o *Guia Salarial 2023* da Robert Half, maior empresa de recrutamento especializado do mundo, **a remuneração de quem trabalha com ESG varia entre R\$ 6 mil (para cargos de entrada) e R\$ 35 mil (para cargos mais estratégicos).**



Os indicadores do ESG estão cada vez mais conquistando espaço e relevância no mercado financeiro atual, sendo indispensáveis para a tomada de decisões no universo corporativo. O profissional preparado para lidar com as questões ESG é cada dia mais procurado e valorizado.



diz um trecho da edição mais recente do guia.

### Cargos e salários da carreira ESG

<b>Analista de ESG:</b>	de R\$6mil a R\$10mil/mês
<b>Especialista em ESG:</b>	de R\$10mil a R\$15mil/mês
<b>Gerente de ESG:</b>	de R\$16mil a R\$22mil/mês
<b>Head de ESG:</b>	de R\$22mil a R\$35mil/mês

\* Informações do Guia Salarial Robert Half 2023

## Mas, afinal, o que faz um profissional de ESG na prática?



O profissional de ESG é o principal responsável por **alinhar o discurso sustentável à prática dentro das organizações**. São pessoas capazes, portanto, de entender, implementar e medir os impactos dos padrões de responsabilidade social, governança e sustentabilidade no desempenho dos negócios.

Assim, **as ações vão desde promover programas de treinamento interno** sobre estas temáticas **até desenvolver estratégias para minimizar os impactos na cadeia produtiva** da empresa e monitorar seus indicadores de desempenho.



(Segunda Pesquisa Profissionais de Sustentabilidade - Deloitte/Abraps)

Nas empresas, **a escada de crescimento** na área costuma contemplar as posições de analista, especialista, coordenador e gerente, até chegar a diretor. Mas vale destacar que nem sempre é necessário passar por todos esses degraus em ordem. **Como a demanda por profissionais especializados em sustentabilidade está alta no momento, o avanço nessa carreira pode ser mais acelerado e até “exponencial”.**

## O dia a dia de um profissional de sustentabilidade

Para ilustrar como isso se dá na prática, vamos usar como exemplo o escopo de um *Chief Sustainability Officer (CSO)*, ou Diretor de Sustentabilidade – o mais alto na hierarquia da profissão. Conforme definição da *Harvard Business Review*, **as principais responsabilidades** de um Chief Sustainability Officer são:

### Garantir a conformidade regulatória:

O CSO deve garantir que a empresa esteja dentro das regulações de sustentabilidade e ESG e não esteja descumprindo nenhuma regra ou lei. O profissional também é responsável por criar as regras internas da organização sobre sustentabilidade.

### Monitorar as métricas ESG:

É atribuição do CSO coletar dados e montar relatórios com as métricas ESG da empresa, além de monitorar e avaliar a eficiência dos programas de sustentabilidade.

### Implementar projetos de sustentabilidade:

O CSO deve planejar, coordenar e se responsabilizar pelos resultados dos projetos de sustentabilidade da empresa. Ele também é responsável pela atuação dos funcionários e/ou voluntários envolvidos nesses projetos.

### Relacionamento com stakeholders

Parte fundamental do escopo de trabalho de um Diretor de Sustentabilidade é gerenciar o relacionamento com stakeholders, de forma a engajá-los para garantir que os projetos aconteçam na prática.

### Desenvolver habilidades sustentáveis:

O CSO é responsável por identificar lacunas na organização e promover iniciativas educacionais e treinamentos para desenvolver as habilidades dos colaboradores.

### Instaurar uma cultura ESG:

Para uma empresa ser sustentável, ela precisa ter o ESG em sua cultura. Promover esse processo de mudança cultural faz parte das atribuições do Chief Sustainability Officer.



### Pesquisar e explorar:

É importante que o CSO esteja sempre de olho em novas tecnologias, soluções e tendências, a fim de identificar projetos e programas que possam ajudar a aprimorar a agenda de pesquisa e ação em sustentabilidade.

### Incorporar o ESG nas decisões:

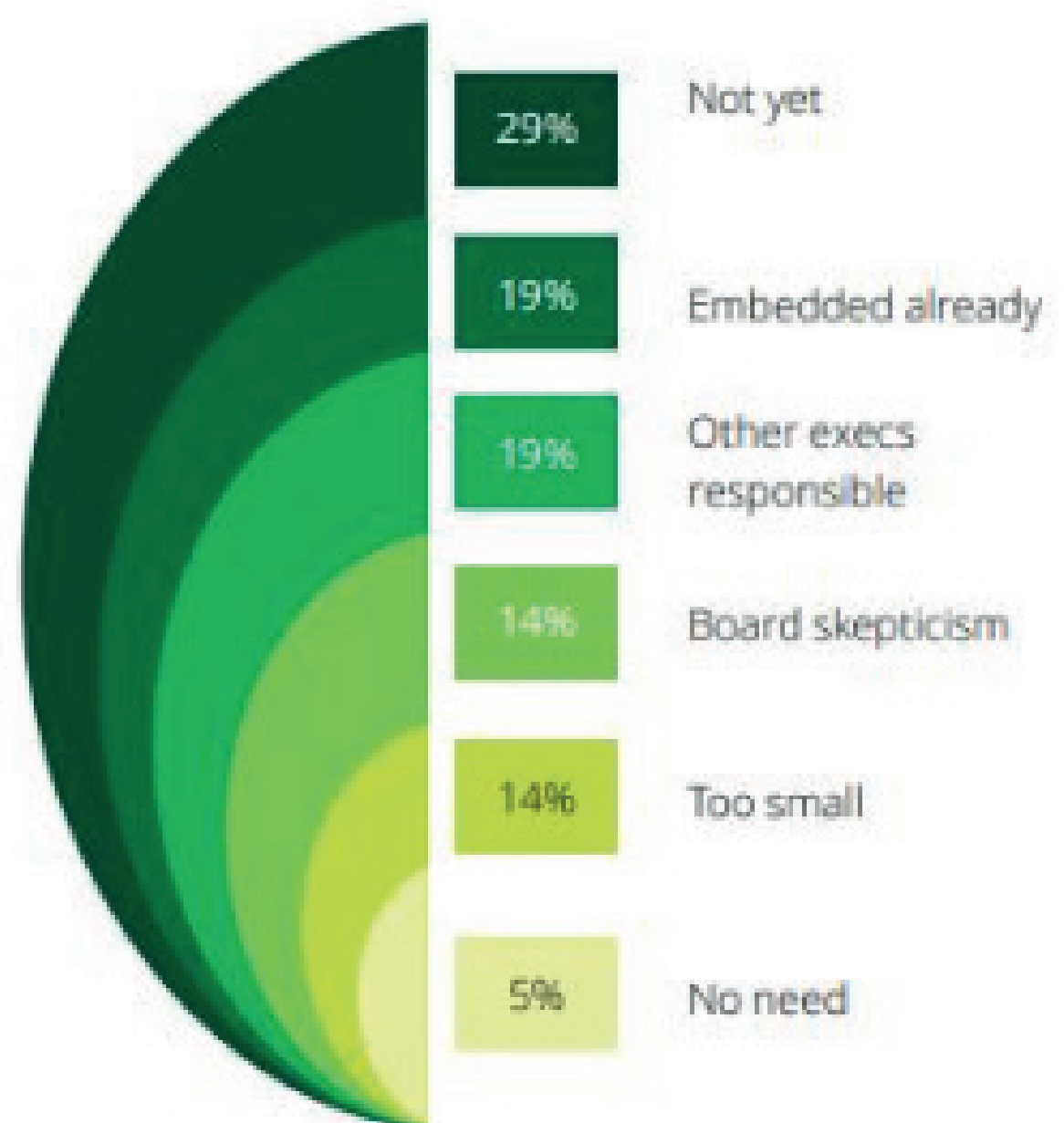
O CSO é o responsável por levar a sustentabilidade para o centro da tomada de decisão e fazer com que esteja presente nas metas, na agenda e no orçamento da empresa. O profissional deve produzir e distribuir relatórios de impacto financeiro e/ou ambiental.

De acordo com um estudo da consultoria *PwC*, as **contratações na área de ESG triplicaram em 2021 ante o ano anterior** – e a tendência é que a demanda por esse líder siga crescendo no mercado.

Em um relatório recente sobre o futuro do *Chief Sustainability Officer*, por exemplo, a consultoria Deloitte, em parceria com o Instituto Internacional de Finanças (IIF), revelou que **a maioria das organizações já tem ou terá um CSO** em um futuro próximo.

“Perguntamos aos participantes da pesquisa: *‘sua organização possui um CSO/diretor de sustentabilidade/diretor de ESG?’* Quando eles responderam ‘não’, perguntamos: *‘por que você acredita que sua organização não possui um CSO ou equivalente?’* Com base nas respostas, fica claro que, mesmo quando a organização não possui um CSO, **existe a visão de que provavelmente ela terá um no futuro ou que outros executivos já possuem responsabilidades semelhantes** às de um CSO. Em **apenas 19% dos casos, os entrevistados afirmam que não há necessidade de um CSO**, ou que o conselho é cético em relação ao papel”, diz um trecho do documento.

Figure 2. Reasons given by organisations that do not have a CSO or equivalent



Source: Deloitte/IIF survey

Um bom exemplo vem do **Grupo Heineken**. A fim de direcionar mais foco e ação para a agenda ESG no Brasil, a empresa anunciou, em 2022, a criação da vice-presidência de sustentabilidade e assuntos corporativos, nomeando o executivo Mauro Homem como líder da área.

## Grupo Heineken reforça ESG com criação de vice-presidência

Mauro Homem, que assume a vice-presidência de sustentabilidade e assuntos corporativos do Grupo Heineken, explica a estratégia em entrevista à EXAME

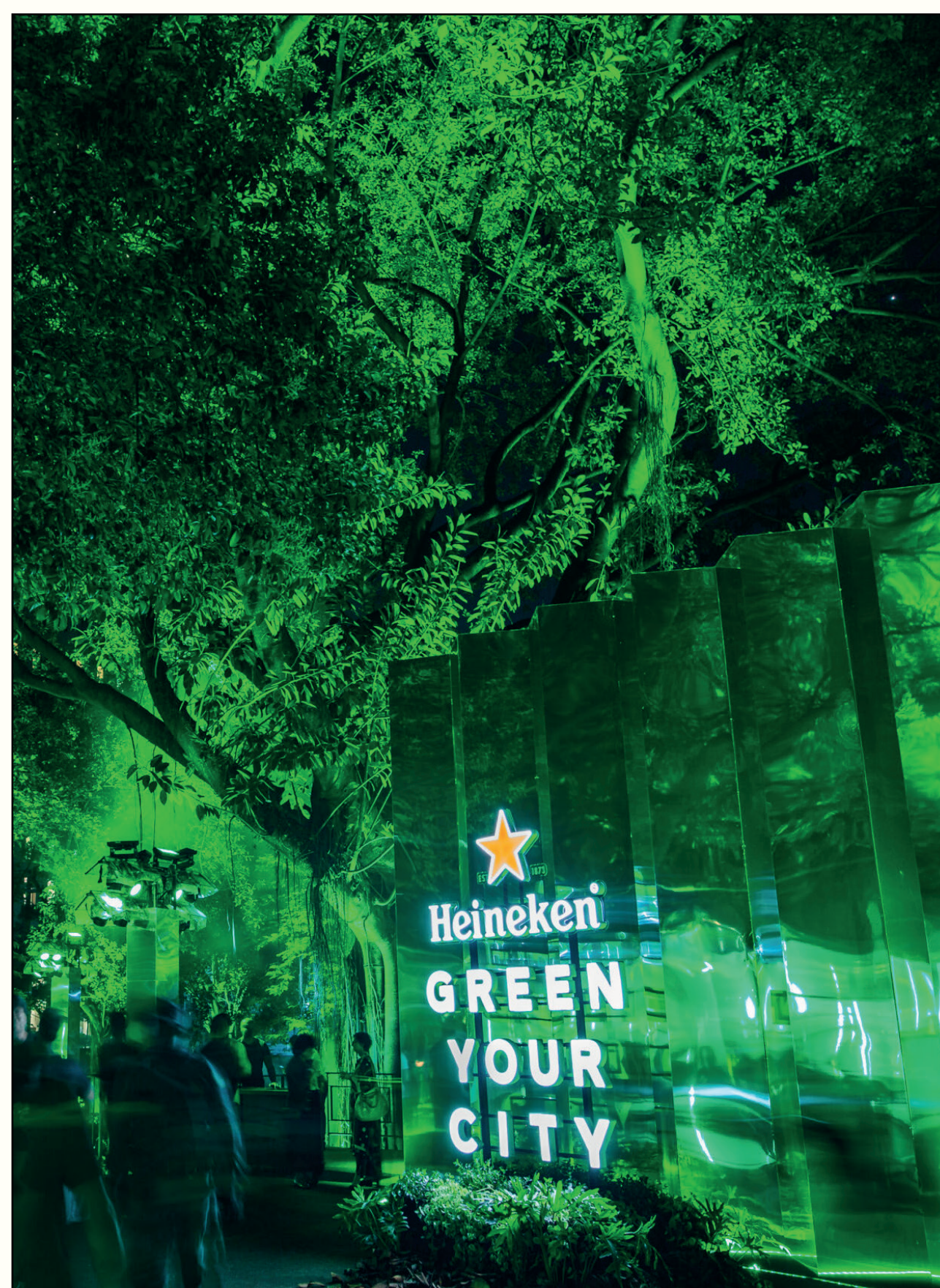
Grupo Heineken anunciou a criação de uma vice-presidência de sustentabilidade e assuntos corporativos em 2022 (EXAME/Reprodução)

Entre os planos do executivo está a ampliação das atividades da plataforma **Green Your City**, que **trabalha iniciativas de sustentabilidade para a vida noturna** de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com **compromissos nos pilares de economia circular, cidades mais verdes e consumo responsável**.

Hoje, **cada marca do Grupo Heineken tem um papel** que reforça a comunicação ESG com o consumidor final.

Enquanto a **cerveja Heineken**, por exemplo, **encabeça a plataforma Green Your City**,

- a **Amstel** realiza ações sociais com foco em **diversidade e inclusão**;
- a **Devassa** tem uma plataforma de **criatividade cultural e igualdade racial**;
- a **Lagunitas** trabalha com proteção de **animais abandonados**;
- e as marcas de **não alcoólicos** se comprometem em **reduzir o uso de garrafas PET em 80%** – queda de 25% no uso do plástico no portfólio da marca.



A plataforma Green Your City, do Grupo Heineken, trabalha iniciativas de sustentabilidade para a vida noturna em diferentes cidades brasileiras (Bijari/Divulgação)

O VP deve ainda acompanhar a **neutralização das emissões de carbono** em toda a cadeia de valor da Heineken até 2040, **levando energia renovável** a 50% dos bares e restaurantes de 19 capitais brasileiras até 2030.

## E o que o ESG tem a ver com isso?

Como vimos, o leque de competências que o **profissional de ESG** precisa dominar é bastante amplo, mas especialistas, recrutadores e gestores da área costumam destacar **três habilidades fundamentais para atuar no setor**.



### Inovação

Cabe ao profissional especializado em ESG estar antenado com o que há de mais inovador no mercado, apurando a visão para reconhecer tendências e agarrar oportunidades na hora e no lugar certo.

### Gestão de Stakeholders

Nesta habilidade, **relacionamento é a palavra-chave**. Afinal, os stakeholders representam todas as partes interessadas de uma organização, ou seja, os fornecedores, clientes, sociedade, acionistas e colaboradores da empresa.

### Conhecimento aprofundado em ESG

A sigla ESG dá conta de três grandes áreas que se integram e complementam – e cuja variedade de pautas e desafios é enorme. Sendo assim, cabe ao profissional de ESG conhecer a fundo como funciona cada letra da sigla, identificar qual delas deve ser a maior prioridade para a organização e, a partir disso, traçar as estratégias necessárias para potencializar os impactos positivos, reduzir os impactos negativos e gerar mais valor para a empresa

## Além do CSO: os *possíveis caminhos* de atuação em ESG

Uma das maiores fortalezas do mercado ESG é o seu **amplo leque de possibilidades** de atuação, capaz de contemplar os mais variados perfis profissionais – do empreendedor ao mais acadêmico.

Em meio a essa variedade, porém, é comum destacar **três caminhos principais** para quem quer atuar na área.

### Grandes empresas ou startups

O primeiro é o mais tradicional: **trabalhar em uma empresa, contando com a segurança da CLT e com bons salários e benefícios.** Empresas de grande porte têm destinado um orçamento cada vez maior para a agenda ESG e, por isso, costumam optar por **montar uma equipe focada em desenvolver as soluções necessárias,** o que abre oportunidades interessantes de crescer dentro da organização.

Mas não é somente nas grandes corporações que o profissional ESG é demandado. **Para quem tem um perfil mais dinâmico,** gosta de desafios e crescimento acelerado ou simplesmente não se vê tanto na carreira corporativa tradicional, uma alternativa interessante é ingressar em startups que estão desenvolvendo tecnologias inovadoras com foco em ESG.

É o caso das **greentechs, cleantechs e ESGtechs.** Para ter uma ideia, somente no Brasil, essa categoria de startup já **recebeu mais de US\$ 532,4 milhões** em aportes de investidores só em 2021, quase o dobro de 2020, segundo a plataforma de inovação aberta Distrito. Até 2030, é esperado que recebam até US\$ 3,6 trilhões em investimentos no mundo todo, de acordo com um relatório do Instituto Smart Prosperity.

## Startups serão protagonistas dos avanços sociais e ambientais

Com o ESG entrando para a agenda empresarial, greentechs deverão receber cada vez mais investimentos

Conhecidas como “startups verdes”, as greentechs, cleantechs e ESGtechs criam soluções sustentáveis para atender às novas demandas das empresas, do mercado e da sociedade. (Folha de São Paulo/Reprodução)

Não à toa, são consideradas **a grande promessa para os profissionais de ESG** com mais foco em inovação e tecnologia.

## Especialista

**Para quem gostaria de trabalhar com ESG, mas não quer abrir mão de atuar em sua área de formação**, o segundo caminho pode ser o mais indicado: se tornar um **especialista em ESG na sua própria profissão**.

Alguns exemplos são advogados focados em compliance, questões sociais ou ambientais; engenheiros especializados na área ambiental, ou mesmo jornalistas que cobrem temas relacionados aos três pilares de ESG (como é o caso do nosso time de repórteres de ESG aqui na EXAME!).

**No final das contas, esta é a rota mais recomendada para quem está buscando uma forma de agregar valor à sua profissão atual**, já que o conhecimento em ESG pode abrir novas portas dentro e fora da companhia.

Uma análise feita recentemente pela Reuters com instituições financeiras nos Estados Unidos reforça essa oportunidade. Segundo o estudo, banqueiros e gestores de recursos cujos cargos incluem “ESG” ou “Sustentabilidade” ganham, em média, salários-base **20% mais altos** do que os seus pares com a mesma função, mas sem esses rótulos.

**Cargos financeiros nos EUA relacionados à ESG ganham 20% a mais, mostra levantamento**

A análise de dados salariais encomendada pela Reuters mostra que os “salários ESG” e “não-ESG” começaram a divergir a partir de 2020 (Terra/Reprodução)

## Profissional autônomo

**O terceiro caminho possível fica na outra ponta da mesa: trabalhar de forma autônoma com ESG.**

Esta é uma boa forma de fazer uma transição de carreira para a área e desenvolver uma nova profissão sem atrapalhar a sua atividade atual, com a liberdade de trabalhar quando e de onde quiser.

Você pode começar, por exemplo, como um **consultor independente**, ajudando empresas a incorporar as diretrizes ESG em suas estratégias.

Para a realidade de várias companhias, **contratar um consultor em ESG pode acabar sendo a solução mais rápida e viável**, além de se tratar de um modelo que elas já estão acostumadas a usar em outras áreas, como consultoria tributária e financeira. Uma boa oportunidade de trabalhar em projetos variados com diferentes empresas, o que dá dinamismo ao dia a dia.

A **flexibilidade é outro ponto positivo**, já que você pode dar as consultorias de forma virtual, direto de sua casa ou escritório, atendendo corporações de todo o Brasil ou até de fora do país.

Além das consultorias, existe também uma **demanda crescente por treinamentos e palestras** em empresas para conscientizar líderes e funcionários sobre a importância da agenda ESG no Brasil e no mundo.





# 5 Bônus

Agora que você tem uma base sólida de conhecimento em ESG, talvez queira se aprofundar ainda mais no tema.

Por isso, neste capítulo Bônus, **compilamos algumas reportagens especiais que abordam a temática**. Trata-se de conteúdos aprofundados e analíticos – os chamados **“dossiês”** –, disponibilizados **com exclusividade** para assinantes da EXAME.

Boa leitura!

# O estágio da *agenda* ESG nas empresas brasileiras

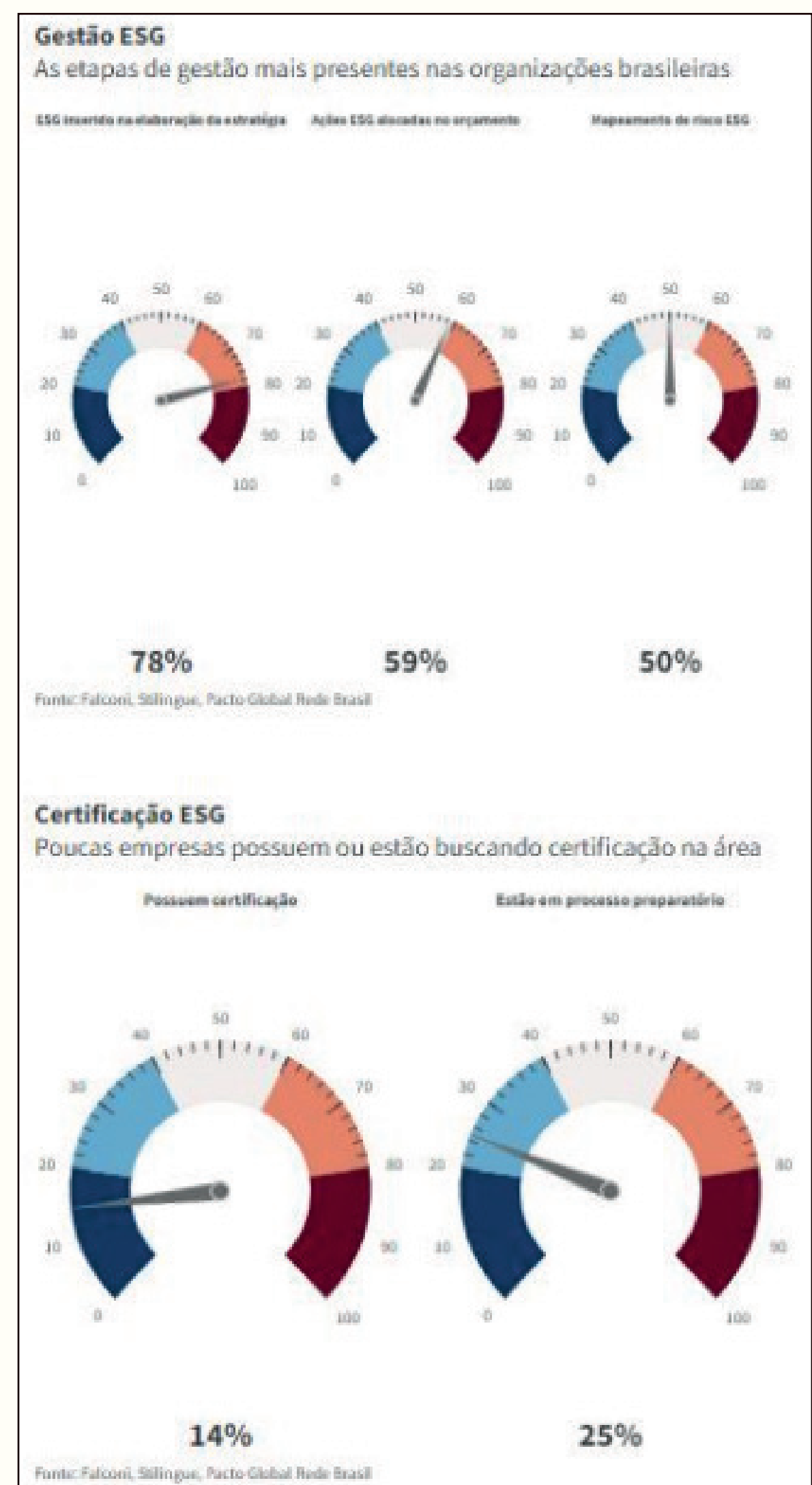
Pesquisa exclusiva mostra o amadurecimento do ESG no Brasil e quanto os critérios estão inseridos nas estratégias das companhias.

Por **Marina Filippe**.

## Como está o ESG na sua empresa?

O Pacto Global da ONU no Brasil, em parceria com a Stilingue, plataforma de monitoramento digital com inteligência artificial, e a consultoria Falconi, lançam o estudo 'Como está a sua Agenda ESG?'. A iniciativa contou com a participação de 190 organizações privadas, públicas e do terceiro setor.

A pesquisa, que foi realizada a partir de questionário de pesquisa e o monitoramento da temática nas redes sociais com *social listening*, aponta que **78,4% das respondentes afirmaram ter inserido o ESG na elaboração de suas estratégias de negócio**, o que mostra o amadurecimento dessa agenda no Brasil. Entenda a seguir os detalhes da pesquisa:





## Como as empresas estão atuando

Um dos objetivos do estudo foi **mapear em quais etapas de gestão ESG** as organizações já possuem atuação. Entre as respondentes, **78,4% afirmam já ter inserido o tema** na elaboração de suas estratégias e **59,5% alocam ações ESG no orçamento**. Já o mapeamento de riscos ESG é trabalhado por 50% delas.

Das empresas com maior faturamento, acima de R\$ 5 bilhões, pode-se afirmar que: 91,9% inserem o ESG nas estratégias, 73% fazem mapeamento de

risco ESG, 70,3% possuem gestão dedicada ao tema e 64,9% realizam o desdobramento das metas ESG ao nível operacional.

Ao serem questionadas sobre **quais são os principais motivadores** para sua atuação nos pilares ESG, **86,3% das organizações respondentes disseram que a preocupação com os impactos ambientais e estabelecer uma economia sustentável** são seus maiores motivadores.



Carlo Pereira, CEO do Pacto Global da ONU no Brasil, durante evento na sede das Nações Unidas em Nova York (Leandro Fonseca/EXAME)

## Impactos positivos

O estudo também fez um **raio X** sobre os motivadores para uma agenda ESG nas organizações. E o que **mais inspira** a implementação de uma agenda ESG é a preocupação com os impactos ambientais e uma economia sustentável. Mesmo assim, ainda **o maior impacto efetivamente percebido por 70% das empresas que implementaram a agenda é em sua reputação e imagem.**

Além disso, para 35,8% delas há nos recursos e para 34,2%, na atração e retenção de talentos. O fator menos apontado foram as exigências do consumidor, o que demonstra que na maior parte dos segmentos, incluindo Indústria, Serviços e Comércio, ainda **não se percebe de maneira expressiva** essa demanda.

Após o **boom** inicial, diz Pereira, é fundamental entender como as empresas têm lidado com o tema: **quais são os assuntos discutidos, os desafios enfrentados, onde o recurso está sendo alocado e oportunidades, como as lideranças estão agindo.**



“Temos visto quanto a agenda ESG tem crescido e ganhado protagonismo no setor privado.”

Carlo Pereira CEO do Pacto Global da ONU no Brasil

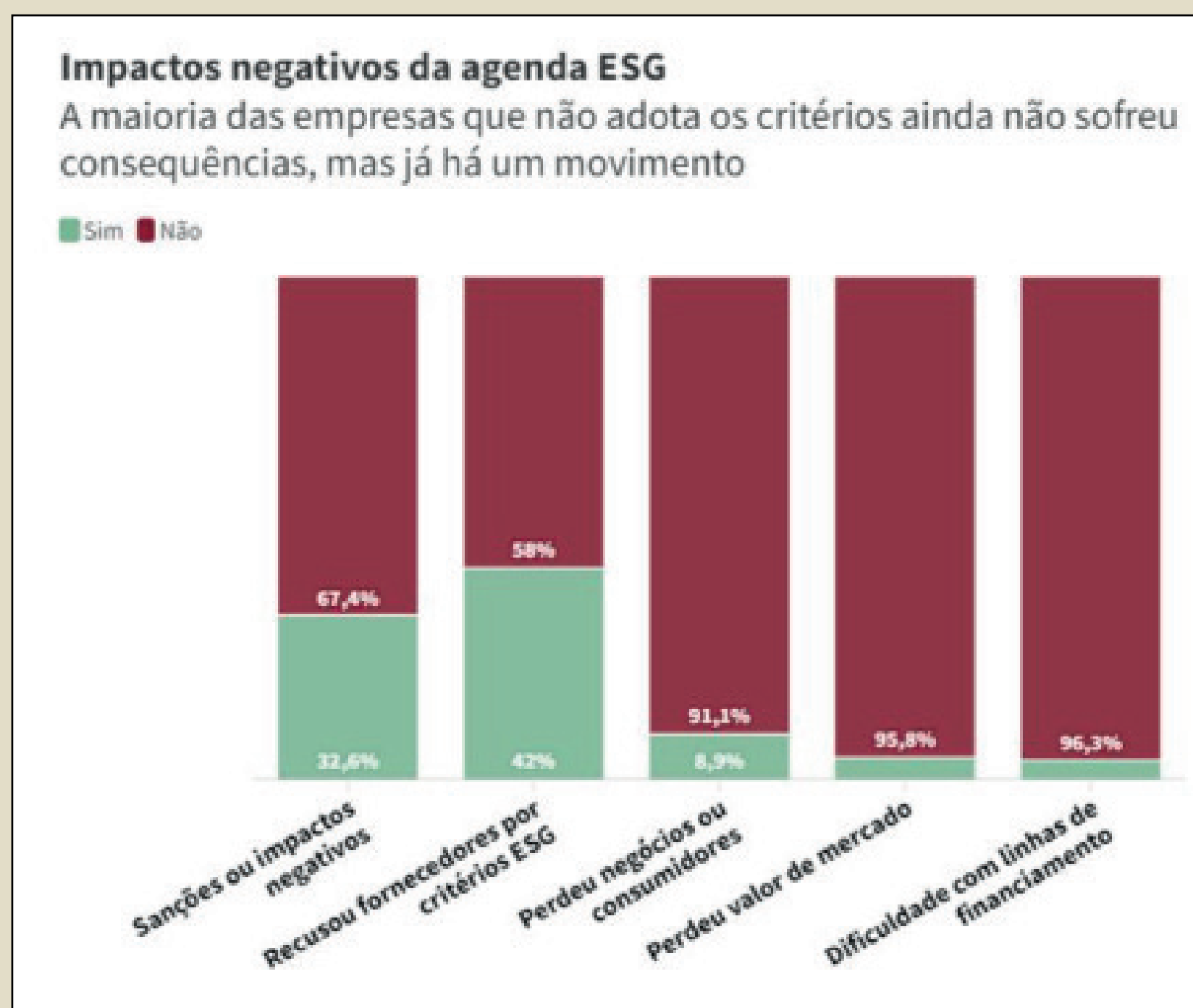


## É preciso avançar mais

Contudo, ainda é necessário avançar mais, e isso é refletido também em empresas que não possuem práticas ESG, já que **67,4% delas relatam não ter sofrido impactos negativos** por esse motivo, como quaisquer tipos de sanções.

Além disso, 58% também nunca recusaram fornecedores e/ou parceiros utilizando este tipo de critério. Porém, esse cenário pode estar mudando, uma vez que 8,9% relatam ter perdido negócios ou consumidores, 4,2% perderam valor de mercado e 3,7% tiveram dificuldade de acesso a linhas de financiamento.

O impacto negativo mais perceptível, em 13,2% das empresas, foi o menor engajamento de funcionários e a dificuldade de atração de talentos.



Fonte: Falconi, Stilingue, Pacto Global Rede Brasil

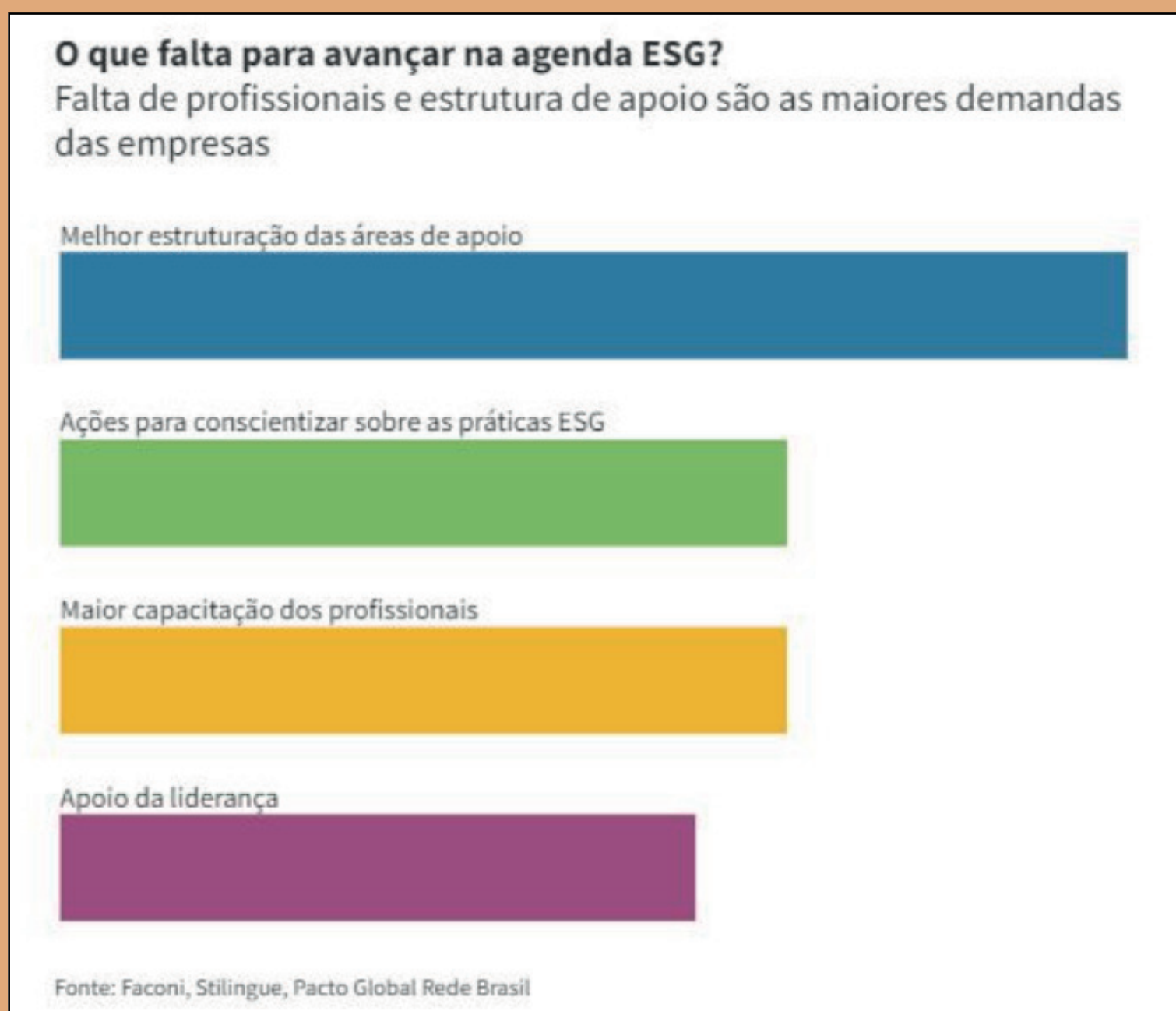
O apoio da liderança fica evidenciado também nas respostas das organizações em relação às dificuldades de avanço na agenda, na qual os fatores apontados indicam a **dissociação da agenda ESG da estratégia da empresa**, uma vez que faltam metas financeiras associadas, orçamento dedicado, conexão da agenda a ações que já acontecem dentro da empresa e conexão dos pilares E, S e G de forma transversal nas áreas e departamentos.

De maneira geral, as organizações apontam que **para conseguir avançar com a agenda ESG é necessário ter uma melhor estruturação das áreas de apoio para implementação** (percepção de 25,7% dos respondentes), **maior capacitação dos profissionais** nessa agenda (17,5%), o **incremento de ações para conscientização** das práticas ESG (17,5%) e **maior apoio da liderança** (15,3%).



Apesar de as empresas ainda verem reputação e imagem como os principais valores quando falam de implementação de ESG, está claro que toda essa agenda está cada vez mais madura, sobretudo entre líderes empresariais e investidores.

Já deixamos para trás o tempo em que algumas poucas áreas de uma empresa tratavam de sustentabilidade e vemos que CEOs estão cada vez mais engajados e engajadas no tema, o que é fundamental para o avanço da Agenda 2030 como um todo.



E não vamos ter como voltar para trás. A sociedade está cobrando, é uma exigência de stakeholders, e a expectativa é de que esses números e essa ‘pressão’ só cresçam”, afirma Pereira.

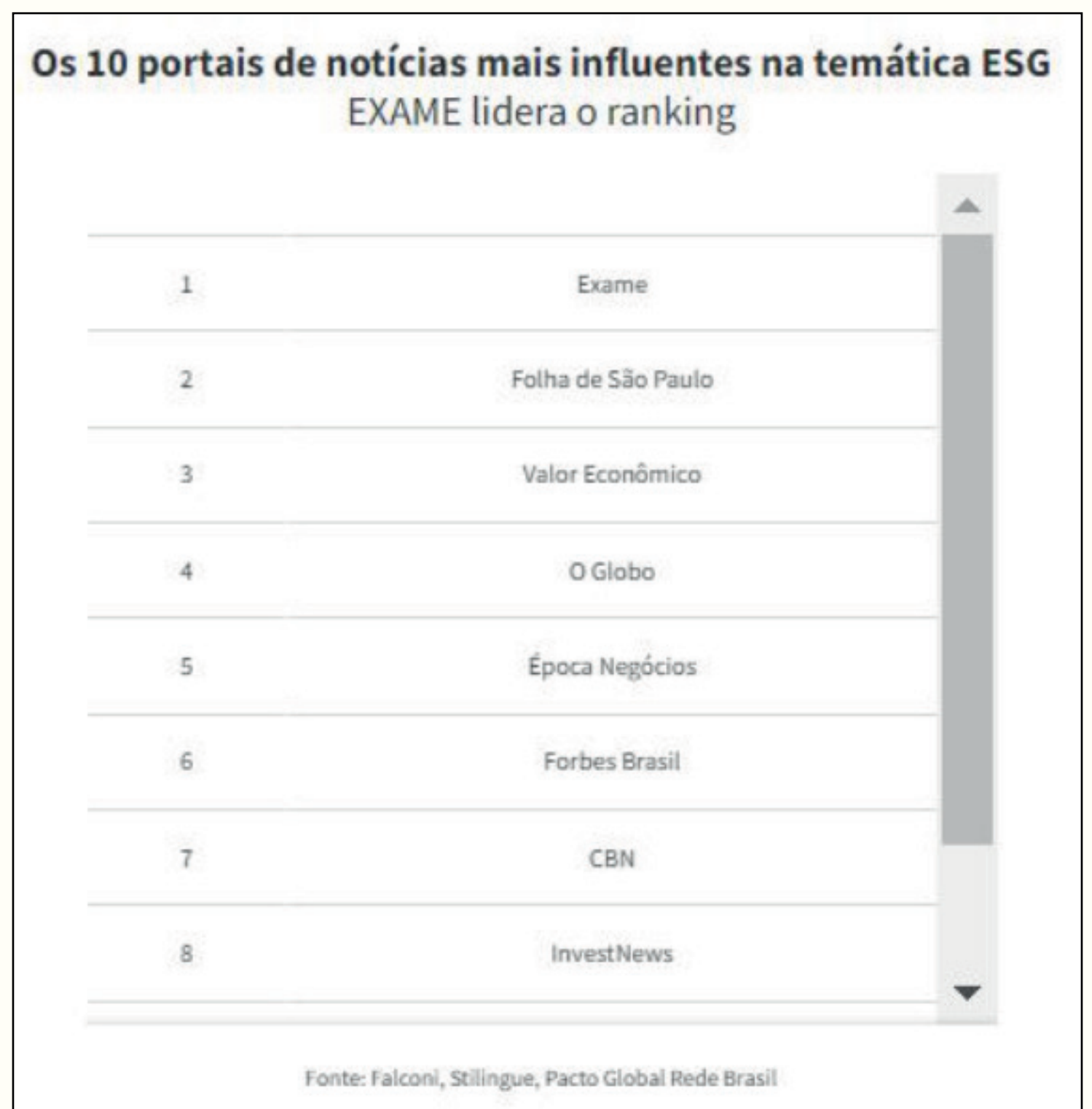


## Segmentos de destaque

A pesquisa foi realizada de forma anônima e, para a estratificação dos dados, foram considerados o **faturamento**, o **número de colaboradores** e a **classificação entre 12 setores**, sendo eles: agronegócio, associações e entidades de classe, comércio, comunicação e mídia, construção, consultoria, educação, energia, indústria, infraestrutura, serviços e outros.

Não à toa, um novo setor, de tecnologia, surge nesta pesquisa que apresentamos aqui dentre os cinco mais citados em 2022, no ranking dos setores mais vinculados ao ESG no universo digital. As **big techs** como Microsoft, IBM e Dell entram na pauta sobre o **desenvolvimento de produtos que auxiliam as empresas no atingimento de metas sustentáveis**.

Além disso, a pesquisa aponta motivadores por segmento de atuação. **Para serviços**, por exemplo, **75% apontam o crescente foco nos valores sociais** tais como inclusão, diversidade e experiência do funcionário também como fator motivador para tal atuação. **Já na Indústria**, energia e agronegócio, em segundo lugar **está a transparência e confiança** que demonstra uma governança bem estruturada.



Além disso, **a mídia tem um papel relevante na disseminação do tema**. Sendo a EXAME o veículo com maior influência na pauta ESG, seguida pela Folha de São Paulo.

## As dificuldades

Já sobre as **principais dificuldades para avançar** com a agenda ESG, as respostas se concentraram em:

- Possuir áreas responsáveis pela agenda;
- Ter metas financeiras associadas;
- Dificuldade de enxergar benefícios tangíveis e medir o impacto no negócio;
- Possuir orçamento e engajamento das pessoas;
- Conectar as ações que já acontecem dentro da empresa à agenda ESG;
- Ter o apoio das lideranças;
- Capacitação e sensibilização das pessoas.

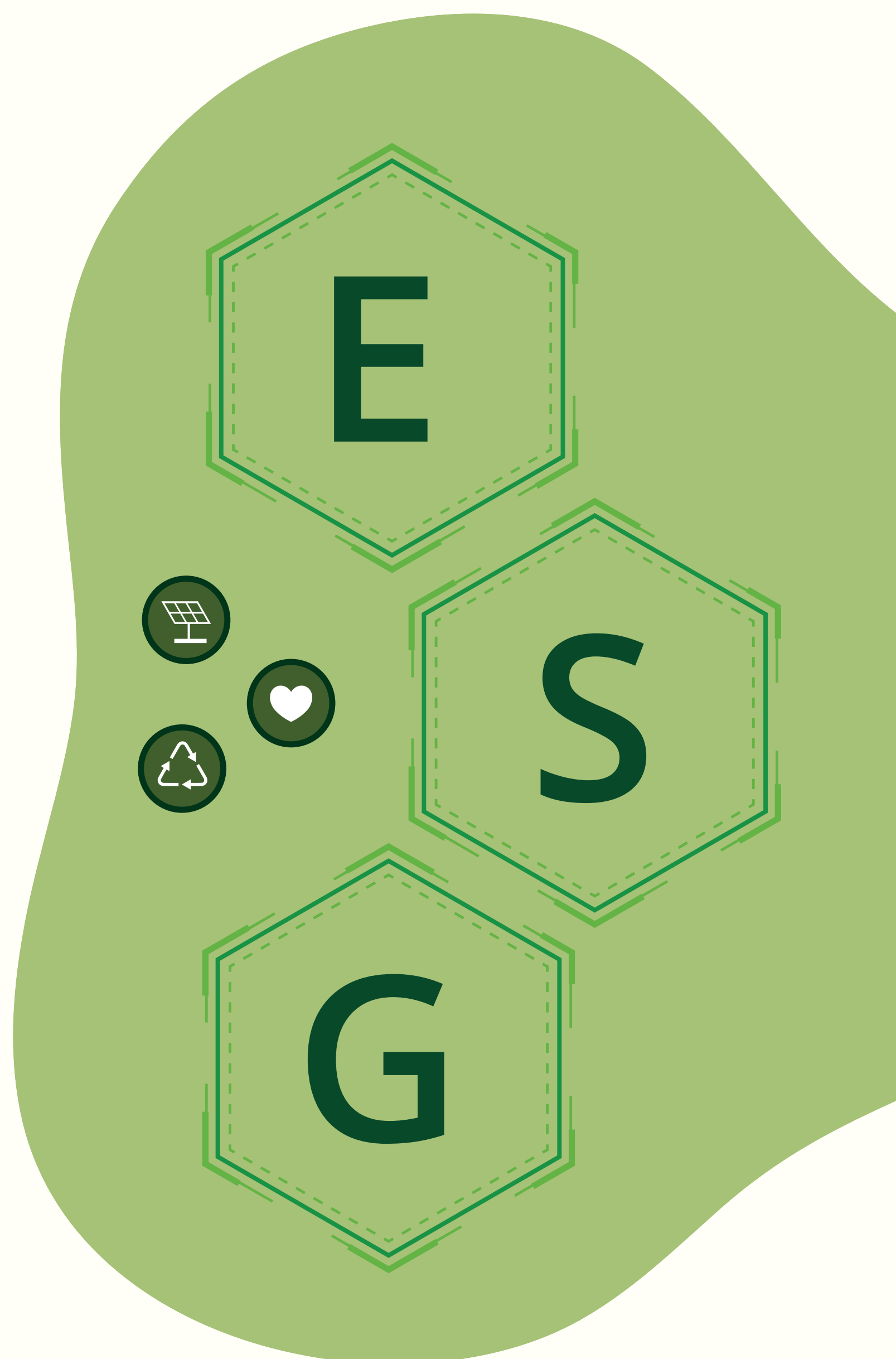
**Outro ponto relevante é que as empresas ainda precisam trabalhar mais em certificações.** Apenas 13,7% das organizações já possuem uma certificação, e 24,7% afirmam estar em processos preparatórios. Das que são certificadas, 45,9% possuem faturamento acima de R\$ 1 bilhão e 13,5% são pequenas empresas, com faturamento de até R\$ 4,8 milhões. Além disso, das organizações que estão em processos preparatórios, 40,4% se enquadram na faixa de faturamento acima de R\$ 1 bilhão.

## Cada letra da sigla

O estudo também compreende **como as organizações estão trabalhando em cada um dos temas do ESG** (ambiental, social e governança).

A pesquisa “Como está a sua agenda ESG?” nos revela que muitas organizações têm buscado identificar as iniciativas vigentes relacionadas a essa tríade, verificando o que pode ser feito para avançar na Agenda.

Porém, **essa busca não pode ser desordenada**, sem responsáveis diretos ou governança, sem contar na agenda das lideranças. Muitas empresas têm dificuldade em associar ESG à estratégia e fazer a gestão efetiva do tema. Acredito que **a pauta ESG seguirá cada vez mais urgente dentro das corporações**”, diz *Viviane Martins*, CEO da Falconi.



## • Pilar ambiental

As iniciativas das empresas em relação ao pilar ambiental se concentram no **treinamento dos colaboradores no tema e em ações como redução, reciclagem e destinação sustentável de resíduos**, que são ações mais simples de serem executadas por exigirem menos recursos.

Porém, é notável que as iniciativas de **redução de emissões de gases de efeito estufa** se tornaram muito relevantes para empresas de todos os segmentos e portes, uma vez que 62,1% têm investido em tais iniciativas, sendo o tema mais trabalhado na indústria, infraestrutura, comércio e agronegócio.

Isso demonstra que mesmo sendo iniciativas que exigem mais recursos – por exemplo, para realizar o inventário de carbono e ter ações concretas para redução das emissões – é algo que está sendo exigido na maior parte dos negócios, seja por investidores, clientes, fornecedores ou mesmo pelo próprio impacto positivo que a organização deseja promover.

## • Pilar Social

O pilar social, muito associado a **ações com as comunidades locais** (foco de 68,4% das empresas), apresentou também força nos temas de **diversidade e inclusão** (68,4%) e de **saúde e bem-estar** (67,9%).

Os segmentos de agronegócio e de construção, ainda considerados predominantemente masculinos, parecem encontrar maiores desafios para trabalhar ações de diversidade e inclusão, engajando-se mais em iniciativas de saúde e bem-estar.

## • Pilar Governança

Para as organizações pesquisadas, **a agenda de governança se pauta mais fortemente em ter um Código de ética e comportamento** (foco de 85,8% das organizações), **trabalhar a cultura, valores e propósito** (74,2%) e ter **Políticas de compliance** (66,8%). O tema de sucessão de pessoas chaves é o menos trabalhado por empresas de todos os portes e segmentos.

## Metodologia

O estudo foi realizado a partir da complementaridade entre um questionário de pesquisa e o monitoramento da temática nas redes sociais feito com *social listening*. **Esse termo pode ser traduzido como “escuta social” e consiste na prática de identificar comentários e conversas relevantes** para uma marca nos mais diversos ambientes digitais, desde redes sociais até fóruns, comunidades, sites especializados, entre outros. **A integração dessas metodologias permite ampliar o escopo da análise**, levantando um diálogo entre uma audiência específica e o público geral.

O questionário foi distribuído para os signatários do Pacto Global e clientes Falconi entre os meses de setembro e outubro de 2022, com 11 perguntas e o **objetivo de mapear a aderência das organizações a iniciativas e projetos em ESG**, compreendendo também as principais barreiras daqueles que buscam avançar nessa agenda e os benefícios que têm percebido com tal investimento.

A pesquisa foi realizada de forma anônima e, para a estratificação dos dados, foram considerados o faturamento, o número de colaboradores e a classificação entre 12 setores, sendo eles: agronegócio, associações e entidades de classe, comércio, comuni-

cação e mídia, construção, consultoria, educação, energia, indústria, infraestrutura, serviços e outros.

**Na etapa de social listening, foi considerada a análise das publicações voltadas para o ESG** no período entre janeiro e outubro de 2022, com a abrangência de coleta em portais de notícias, na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, em blogs e nas redes sociais Twitter, Instagram e Facebook. Deste modo, foi possível identificar como o tema cresce e se comporta nas conversas online.





## Hidrogênio verde: por que o Brasil não vai perder esse bonde bilionário

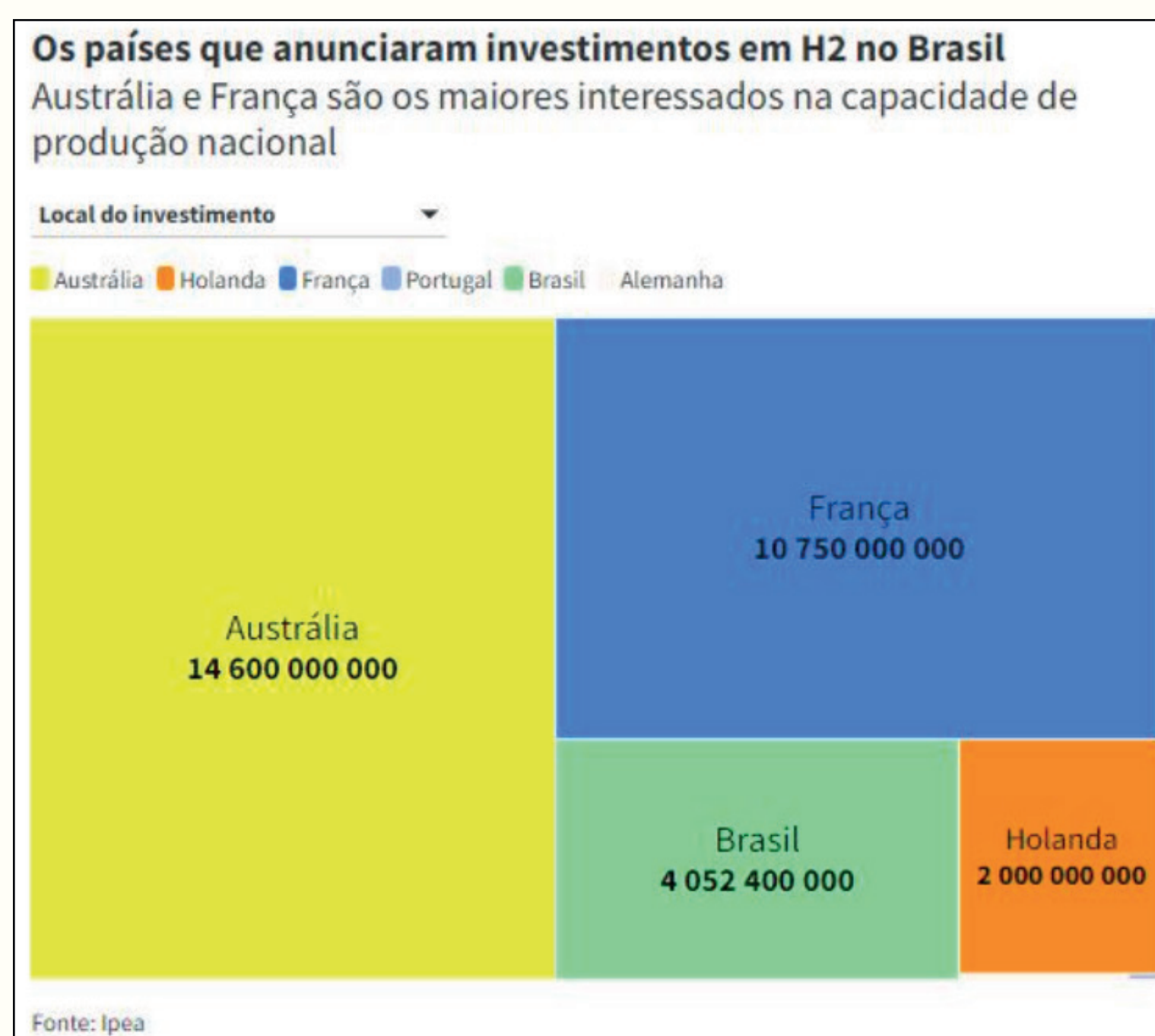
O combustível do futuro pode atrair US\$ 27 bilhões em investimentos e, dessa vez, o país corre pouco risco de perder a corrida.

Por **Rodrigo Caetano**.

O Brasil passou por alguns ciclos econômicos desde que foi colonizado pelos portugueses. Desperdiçou todos. Ok, essa é uma afirmação superficial, afinal, em todas essas fases houve avanços sociais e tecnológicos. O atual estágio de desenvolvimento brasileiro, no entanto, é que deixa esse gosto amargo de “poderia ter sido melhor”. Por isso, toda vez que uma nova oportunidade se apresenta à nação, não faltam cétricos para lamentar, de antevéspera, a perda do trem.

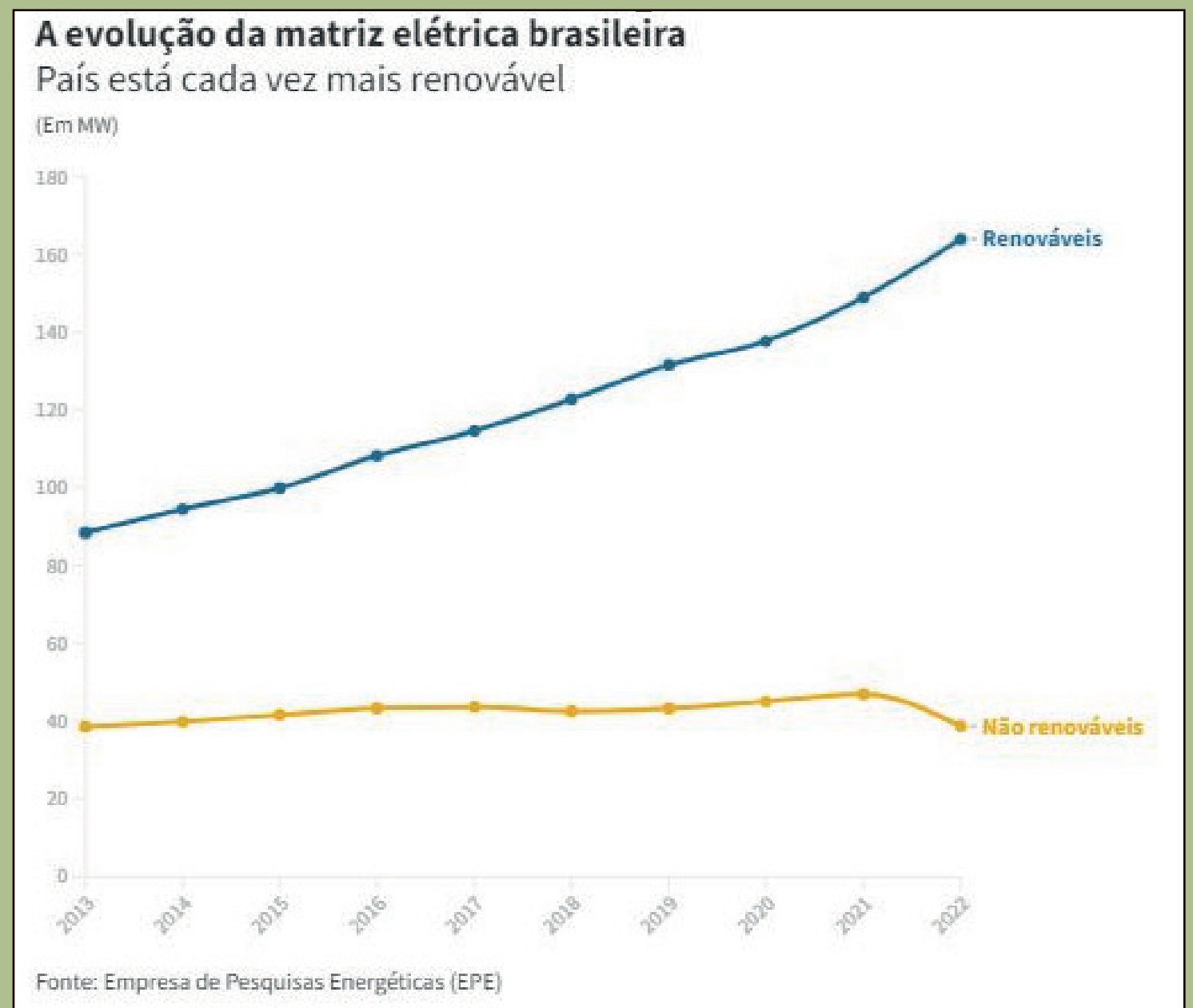
Quando o tema do hidrogênio verde surgiu como possibilidade de pauta na redação da EXAME, nesta semana, não foi diferente. Um levantamento do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)* motivou o interesse. O estudo mostra que foram anunciados projetos de construção de fábricas do combustível no país que somam US\$ 27 bilhões. Há investimentos prometidos de Alemanha, Austrália, França, Holanda, Portugal e do Brasil, capitaneados por uma dúzia de empresas.

“Não sei, parece bom demais. Não gosto disso”, afirmou *Luciano Pádua*, editor de Brasil da EXAME, deixando transparecer um *misto de desconfiança jornalística e ceticismo nacional*. Parece bom demais para ser verdade mesmo. Mas que há motivo para otimismo ufanista, há. A menos que o governo proíba o hidrogênio verde, tem pouca coisa que pode ser feita para barrar essa dinheirama.



## A serra pelada do hidrogênio verde

O que faz do Brasil uma potência do hidrogênio verde é um conjunto de fatores naturais e energéticos. Primeiro, há de se considerar a disponibilidade de recursos naturais para a produção do hidrogênio, tanto o chamado “cinza”, que usa como matéria-prima o gás natural, um combustível fóssil, quanto o verde, produzido a partir da água.



Em segundo lugar, a matriz elétrica majoritariamente limpa. **O processo de produção do hidrogênio verde consiste, basicamente, em separar as moléculas de oxigênio e hidrogênio presentes na água (H<sub>2</sub>O).** Para isso, usa-se a eletrólise, um processo industrial que demanda muita energia. Só é possível produzir hidrogênio verde com energia limpa, sendo as fontes mais indicadas a eólica e a solar. **Nenhum outro país no mundo tem a disponibilidade de energia renovável que o Brasil tem.**

Por último, está o potencial de crescimento das fontes renováveis. Há uma discussão, principalmente na Europa, sobre a necessidade de considerar uma capacidade adicional de geração limpa para que o hidrogênio seja considerado verde, ou seja, se um país precisa substituir a energia renovável usada na produção do combustível por outra não renovável, não poderá certificar o produto. Isso representa um obstáculo para os europeus, cuja capacidade de geração é menor por questões de clima e geografia. No Brasil, ainda há muita margem para crescimento.



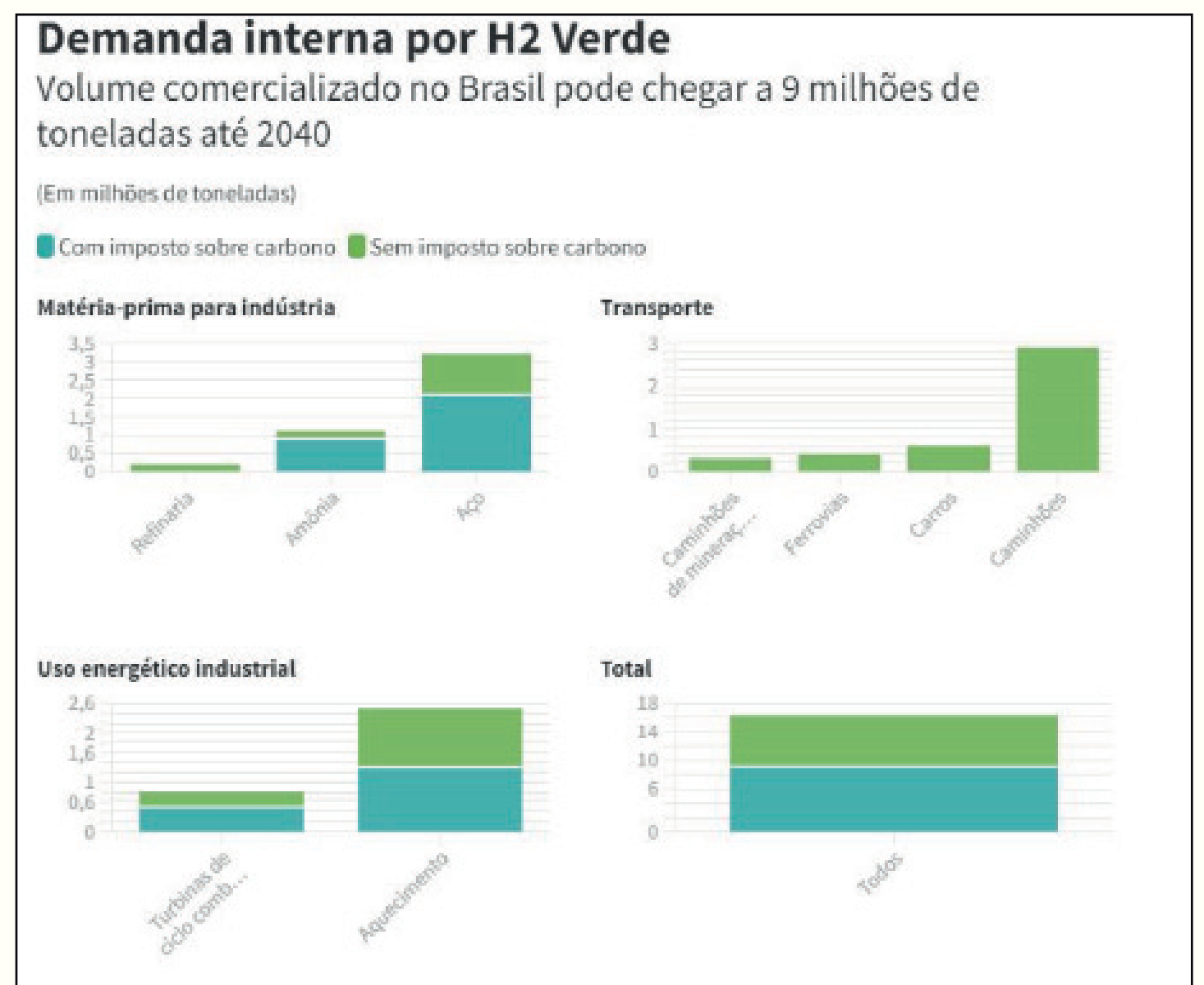
Os investimentos anunciados em hidrogênio verde no Brasil ultrapassam US\$ 27 bilhões (Angel Garcia / Bloomberg via Getty Images)

## A economia do hidrogênio

Desde a década de 1970, a demanda por hidrogênio (cinza, no caso) triplicou. Esse mercado alcança, globalmente, cerca de US\$ 120 bilhões, sendo a China o maior produtor, com uma capacidade superior a 30 milhões de toneladas por ano. A indústria pesada e o setor de fertilizantes são os maiores consumidores do produto.

O hidrogênio cinza, no entanto, não é nada sustentável. Segundo o Ipea, a produção do combustível a partir do gás natural gera, por ano, mais de 800 milhões de toneladas de carbono, o equivalente às emissões do Reino Unido e da Indonésia somadas. Na América Latina, a produção do hidrogênio emite mais do que toda a frota de veículos da Colômbia. Apenas 2% do hidrogênio no mundo é produzido a partir da eletrólise da água.

É interessante notar que, ainda segundo o Ipea, o Brasil já foi um grande produtor de hidrogênio verde, embora essa nomenclatura não existisse, nas décadas de 1920 e 1960. A expansão da energia hidrelétrica viabilizava essa produção, mas, posteriormente, foi substituída pelo gás natural, mais competitivo em termos de custo. A tecnologia, portanto, não é nova. A mudança está na disponibilidade de energia limpa e barata.

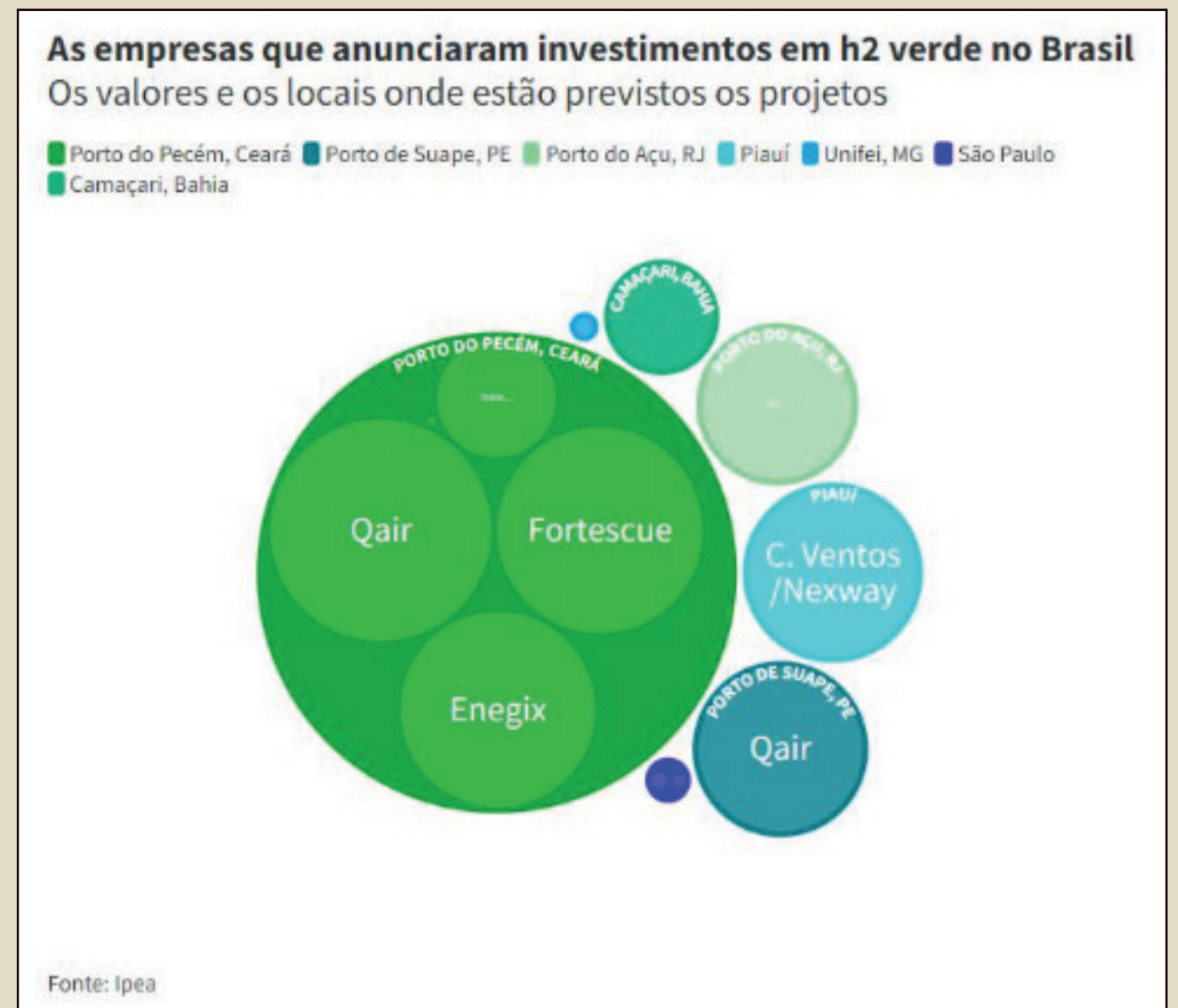


## Os pioneiros

É natural, portanto, que uma das primeiras iniciativas brasileiras na área venha do setor petroquímico. Tradicional indústria química, fundada há 57 anos, a Unigel é a brasileira mais avançada na construção de uma fábrica de hidrogênio verde. A empresa está investindo US\$ 120 milhões na primeira fase do projeto, cujo investimento total prevê alcançar US\$ 1,5 bilhão. “Esperamos concluir essa fase no final deste ano”, disse à EXAME Luiz Felipe Fustaino, diretor executivo da companhia.

O investimento será feito com capital próprio e financiamento junto a bancos de fomento, notadamente o BNDES e o banco de fomento alemão.

A ideia é usar a produção na fábrica de fertilizantes da Unigel (a empresa é a maior produtora do Brasil) e exportar o combustível no formato de amônia. Fustaino explica que é impossível transportar o hidrogênio puro, pois sua versão liquefeita exige temperaturas próximas ao zero absoluto. A saída é exportar o combustível processado. No destino final, a amônia pode ser quebrada para retirar o hidrogênio, ou usada no próprio processo industrial.



Na Europa, especialmente na Alemanha, a intenção é ter um estoque de amônia que pode ser utilizado para a produção de energia nos períodos em que as renováveis estão com a capacidade reduzida.

Luiz Felipe Fustaino, diretor executivo da Unigel

## Pontos fortes, pontos fracos e o papel do governo

**O que pode impedir que a agenda do hidrogênio verde se estabeleça no Brasil?** Segundo Marcos Oliveira Costa, coordenador da *Agência de Cooperação Técnica da Alemanha (GIZ)*, entidade controlada pelo governo alemão responsável por estabelecer parcerias com o setor privado de outros países, as aplicações e a demanda existem. "O próximo passo é preparar as condições para que exista avanço pelo lado brasileiro", afirma.

Costa aponta que **há uma demanda reprimida por hidrogênio verde**, abrangendo setores variados, da indústria pesada, passando pelo agronegócio (fertilizantes) e chegando aos setores naval e de aviação. Para a União Europeia, o combustível é estratégico nos esforços de descarbonização, tanto em relação à oferta de eletricidade, quanto de energia para transportes. "O governo brasileiro já iniciou o diálogo", diz.

Em 2021, o governo brasileiro apresentou, no Fórum Ministerial do Diálogo de Alto Nível das Nações Unidas sobre Energia, da ONU, **compromissos voluntários em biocombustíveis e hidrogênio**, como contribuição nacional para **acelerar o cumprimento das metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 7 (ODS 7)**, que prevê acesso universal a energias limpas. No ano seguinte, foram publicados **dois marcos legais que afetam diretamente** o segmento:

- **Decreto nº 11.075, de 19 de maio de 2022**, criando o mercado regulado de carbono no Brasil
- **Projeto de Lei (PL) nº 725/2022**, que inclui o hidrogênio como fonte energética na matriz brasileira e estabelece metas para a sua inserção nos gasodutos nacionais, sendo adicionado até 2032 o percentual mínimo de 5% de hidrogênio na rede de gasodutos, e 10% até 2050.

Dentro desses percentuais, **60% deve ser hidrogênio sustentável** – de fontes energéticas como solar, eólica, biomassa, biogás e hidráulica até 2032, com aumento de participação de 80% até 2050.

Mas, como em tudo na vida, existem **pontos de atenção** a serem considerados, e o Ipea listou alguns deles:

Estimular a demanda comercial por H2V. Políticas que criam mercados sustentáveis para o H2V, especialmente para reduzir as emissões de hidrogênio a partir de combustíveis fósseis, vão atrair investimentos e empregos nos fornecedores, distribuidores e usuários.

Abordar os riscos de investimento dos iniciantes. Empréstimos, garantias e outras ferramentas direcionadas e com prazo limitado podem ajudar o setor privado a investir, aprender e compartilhar riscos e benefícios.

Apoiar P&D para reduzir custos. Ações do governo, incluindo o uso de fundos públicos, são importantes para definir a orientação de áreas de pesquisa, diminuir riscos e atrair capital privado para a inovação.

Eliminar barreiras regulatórias desnecessárias e harmonizar padrões. As complexas cadeias de geração de hidrogênio demandam que governos, empresas, comunidades e sociedade civil estabeleçam um diálogo regularmente.

Envolver-se internacionalmente e acompanhar o progresso. É necessária uma co-  
operação internacional aprimorada em toda a cadeia, mas especialmente em pa-  
drões, compartilhamento de boas práticas e infraestrutura transfronteiriça.

Concentrar os esforços em quatro oportunidades principais: I) substituição do hi-  
drogênio cinza pelo H2V no uso industrial; II) injetar hidrogênio nas redes de gás  
natural; III) utilizar o hidrogênio na eletromobilidade; e IV) exportação do hidrogê-  
nio.

Ainda que os riscos existam, dessa vez, será difícil justificar o fracasso.



## Quer saber quando as mudanças climáticas *chegarão ao limite?* Olhe para a água.

A humanidade sabe, há décadas, que a falta d'água é um risco global não precificado. Saiba a extensão dessa crise e como evitá-la.

Por **Rodrigo Caetano**.

A fila em frente ao escritório de credenciamento da ONU, na Rua 45, a poucos metros da sede das Nações Unidas em Nova York, se estendia por cerca de 10 metros quando a reportagem da EXAME chegou para buscar suas credenciais. Era uma terça-feira, no final de março. Uma hora e 45 minutos depois, tempo que demorou para completar o processo (e isso contando que a foto já estava no sistema), a multidão de diplomatas, ativistas e jornalistas aguardando para entrar nas dependências alcançava a Segunda Avenida, serpenteando por quase um quarteirão nova-iorquino, e dos grandes.

No dia seguinte, teria início a Water Conference, o primeiro fórum de águas organizado pela entidade desde 1977. Durante três dias, o mundo se reuniu para debater um dos assuntos mais urgentes e negligenciados entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o de número 6: água e saneamento.

O cenário não é nada animador. De 11 indicadores estabelecidos para acompanhar as metas do ODS 6, cinco sequer contam com dados efetivos. E alguns precisam quadruplicar o desempenho se o mundo quiser resolver o problema. Segundo a ONU, 26% da população mundial, o equivalente a 2 bilhões de pessoas, não contam com acesso seguro a água potável. Quando se trata de saneamento, a situação é ainda pior: mais de 3,6 bilhões de pessoas, quase metade dos humanos no planeta, carecem de tratamento adequado de seus excrementos, o que agrava outro problema urgente em se tratando de água, a poluição, um dos catalisadores da endemia de falta d'água.

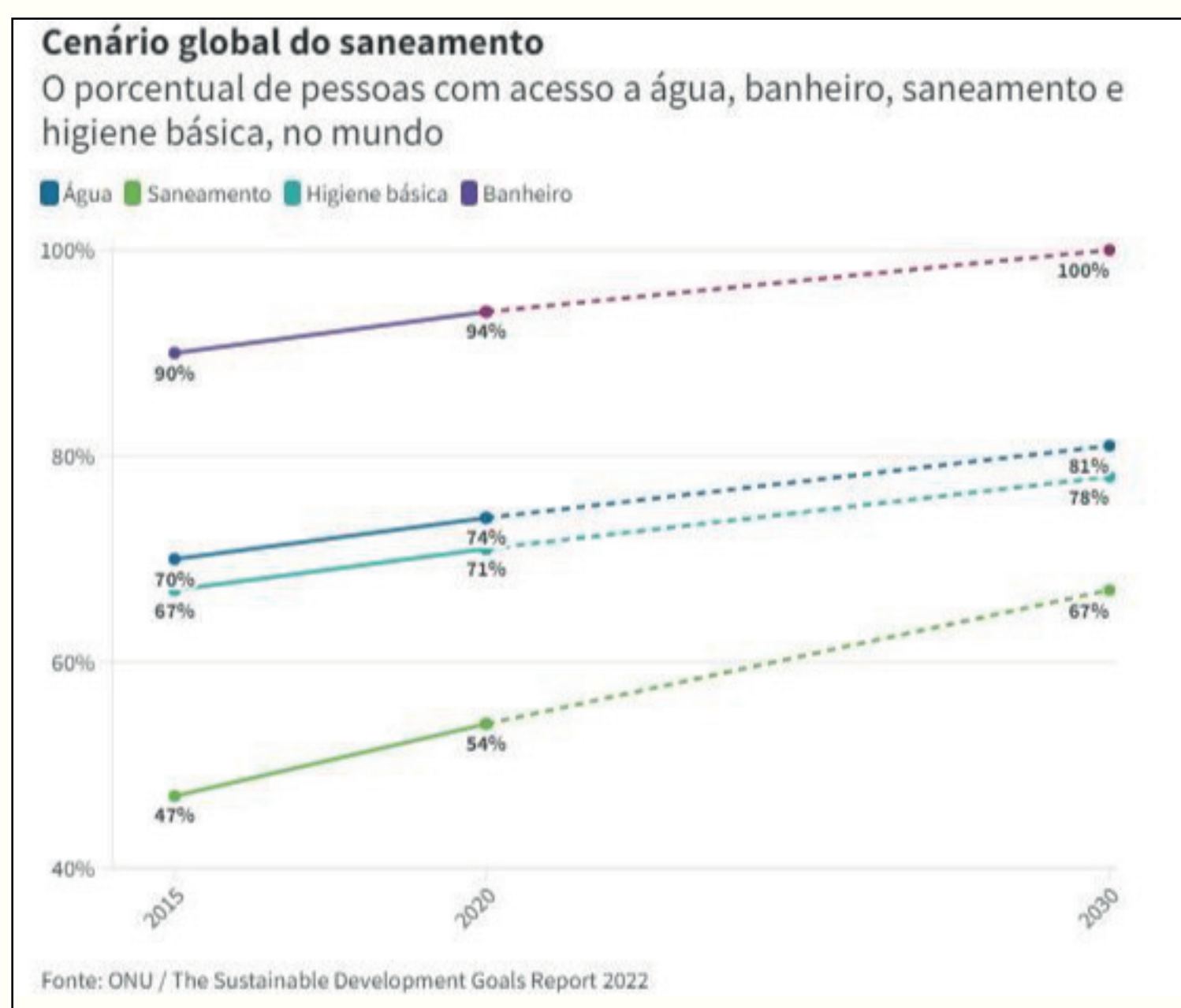
“  
Há uma urgência em estabelecer mecanismos internacionais fortes para prevenir a crise hídrica global de sair do controle.  
”

Audrey Azoulay, diretora-geral da Unesco

Para *Gilbert F. Houngbo*, presidente do conselho da UM Water e diretor-geral da Organização Mundial do Trabalho, o tempo não está do lado da humanidade nesse caso. “**Devemos ser ambiciosos e acelerar as ações**”, disse Houngbo.

## Eficiência aumentou, mas é insuficiente

A boa notícia nessa enxurrada de negatividade, é que **a eficiência no uso da água aumentou 9%** no período pesquisado (entre 2015 e 2018). O melhor resultado veio da indústria, que elevou a eficiência em 15%, seguido do setor de agricultura, com 8%. É um sinal claro da importância do setor privado para o avanço do ODS 6.



Mesmo com o avanço, **a ONU espera que a população sujeita à escassez hídrica irá dobrar até 2050, o que deve gerar prejuízos bilionários.** Desde a última conferência das águas, estima-se que a economia global perdeu US\$700 bilhões em virtude de crises hídricas.





Instrumento para medição do nível d'água na barragem da usina hidrelétrica de Furnas, em São José da Barra (MG)

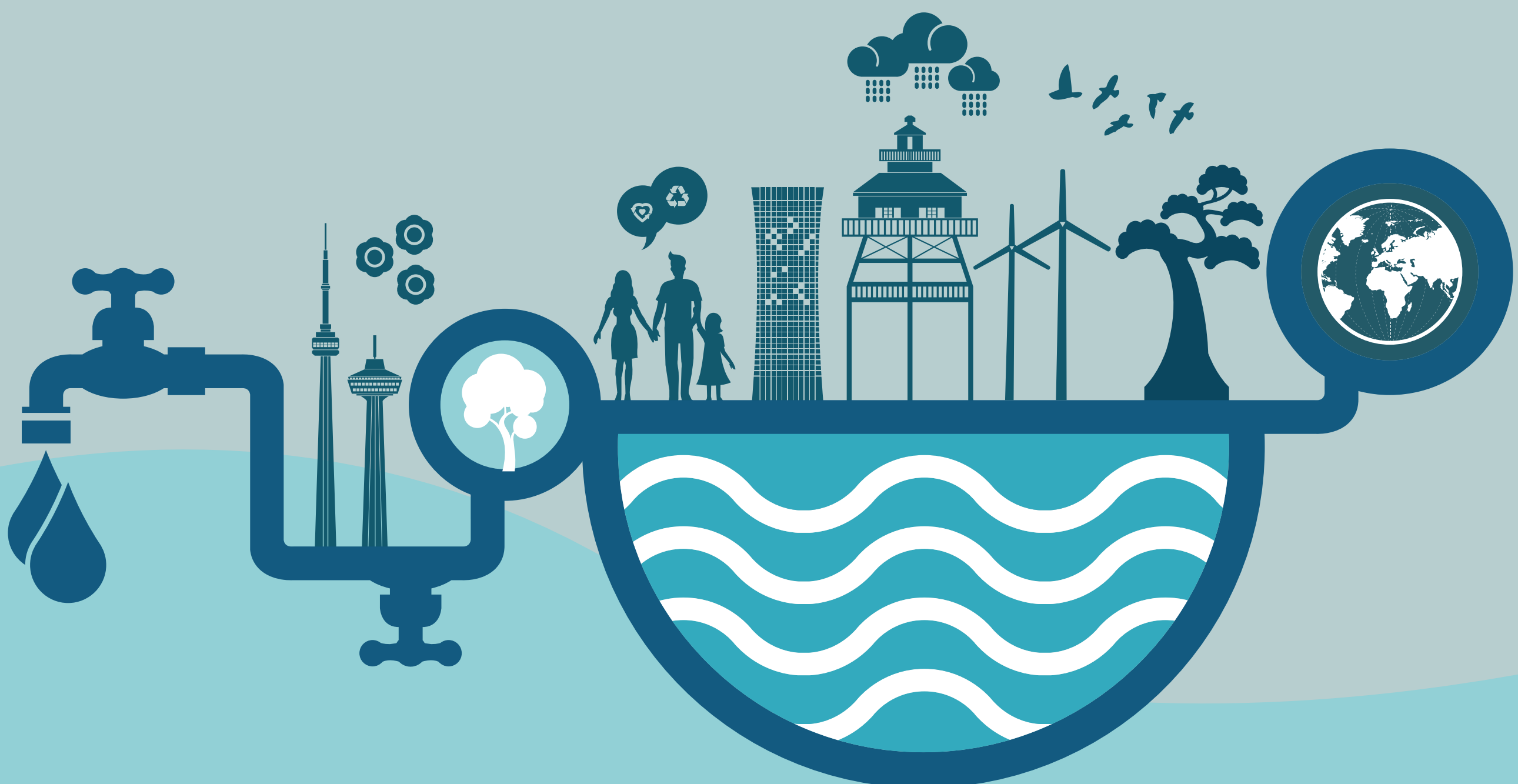
## Por que não estamos pensando na *escassez hídrica* quando falamos de ESG?

Por **Rubens Filho**, gerente de Água e Oceano do Pacto Global da ONU no Brasil.

A sete anos do prazo final da *Agenda 2030* instituída pela ONU com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), **uma das agendas liga o sinal amarelo para vermelho: o ODS 6 – Água Potável e Saneamento**. No 30º aniversário do Dia Mundial da Água (22 de março), a ONU promove a UN Water Conference (Conferência Mundial da Água) em Nova York (Estados Unidos) para propor agendas de ação com os Estados-membros, entidades da ONU, organizações da sociedade civil e setor empresarial. A Conferência ocorre de 22 a 24 de março dentro da sede da Organização das Nações Unidas, com mesas de discussões sobre os diferentes desafios e oportunidades mediadas por diversos países, incluindo o Brasil.

**Aliás, quando falamos de Brasil, nossa perspectiva sobre o ODS 6 é questionável.** Um dos temas do ODS 6 é a agenda do Saneamento, a qual progrediu de certa forma nos últimos anos com a aprovação do **Marco Legal** (Lei Federal nº 14.026/2020), **ampliando a possibilidade de o setor privado aportar recursos financeiros e operar os serviços em locais historicamente negligenciados pelo poder público.** Ainda há dúvidas sobre essa agenda e como ela se dará nos próximos anos, principalmente pela revisão de alguns pontos da lei prometida pelo novo governo federal. Dentro da Ambição 2030 proposto pelo Pacto Global da ONU no Brasil com a criação de Movimentos para acelerar os ODS, as 100 milhões de pessoas que queremos impactar no Movimento +Água são justamente aquelas que estão dentro da matemática de déficit de saneamento ainda muito latente nos quatro cantos do país.

Contudo, temos um **outro ponto de atenção** fundamental em uma das agendas que promovemos dentro do Pacto Global: **a gestão dos recursos hídricos** liderada pelo setor empresarial. No último levantamento feito pelo *Observatório 2030*, uma iniciativa do Pacto Global da ONU no Brasil, a partir de dados de 82 empresas listadas na B3, participantes da nossa Rede como um todo, e que reportam os resultados nos padrões do Global Reporting Initiative (GRI), nos deixou preocupado: **59 empresas, das 82, relataram não mensurar os riscos de escassez hídrica do ponto de vista da quantidade disponível de água.** E mais, quando se analisa os riscos do ponto de vista da qualidade de água, o número sobe para 67 empresas que não consideram. **A cadeia de valor, em relação ao uso racional da água, não é considerada no engajamento de 83% das empresas.**



A **segurança hídrica** é um dos pilares quando se discute adaptação climática. Ao ver que **o Brasil tem como base da matriz energética as hidrelétricas, ou seja, precisamos dos recursos hídricos para gerar energia**. E nossa agricultura é uma das que mais exportam para o mundo e é **altamente dependente** da água para irrigação. O *Manual de Usos Consuntivos da Água no Brasil – Agência Nacional de Águas e Saneamento (ANA)*, de 2019, mostrou que, **a respeito da demanda do uso da água do Brasil:**

A blue square with rounded corners containing the text '52%' in a large, white, serif font.

vem da irrigação da  
agricultura

A blue square with rounded corners containing the text '24%' in a large, white, serif font.

vem do abastecimento  
urbano

**Quando falamos de 2030**, ainda há outro dado preocupante: **o uso da água deve crescer em 24% até lá**. Não esqueçamos que em 2021 passamos pela pior crise hídrica em 91 anos que afetou diretamente os reservatórios que abastecem as hidrelétricas.

Ao discutir **ESG** nas empresas, o **“E”** de **environment** ("meio ambiente" em português) talvez estejamos englobando muito pouco os **riscos da escassez hídrica como resposta de adaptação para as mudanças climáticas**. Há muita discussão do impacto líquido positivo em bacias sob estresse hídrico (net positivo da água, como alguns dizem) promovido por algumas empresas e instituições não governamentais, visando a redução do uso da água para consumo interno das plantas industriais e, como ponto central, a reposição das bacias hidrográficas com foco em promover uma recarga além do que foi tirado (gerando mais água, por isso “impacto positivo”). Esse é um primeiro, e importante, passo.

**Pensar na resiliência das áreas de produção natural de água requer ir além dos muros.** No Brasil, **o uso da água subterrânea** por vários setores, bem como os reservatórios superficiais, **demandam ações das empresas** para que suas operações não sejam prejudicadas no futuro, mas para que principalmente a quantidade e qualidade disponível para abastecimento humano não passe nem perto de ser um problema, como foi em parte do Nordeste durante 2012 a 2019, e no Sudeste entre 2013 e 2015.

## Orçamento de guerra

“Há diversas maneiras de fazer capitalismo.”

A frase, jogada despretensiosamente como se fosse óbvia, inicia uma linha de pensamento que conecta as estruturas de financiamento de projetos público-privados a estupros em Serra Leoa. Dita por *Mariana Mazzucato*, uma das economistas mais influentes do mundo, também **resume o trabalho de ativistas e pensadores que buscam usar as finanças para resolver os grandes problemas da humanidade**, como a endêmica falta d'água, realidade vivida por 2 bilhões de pessoas globalmente, segundo a ONU.

Mazzucato, professora da College University em Londres, está sentada ao lado de dois homens de terno. À sua esquerda, de gravata, está Tharman Shanmugaratnam, membro do parlamento de Singapura, que já serviu como vice-primeiro-ministro e atualmente é conselheiro econômico do governo; à esquerda, sem gravata, Johan Rockström, professor da Universidade de Potsdam. Os três participam de uma conferência de imprensa na sede da ONU, em Nova York, durante a Conferência das Águas.

A dúvida se referia a números divulgados pela ONU na manhã desta quarta-feira, 22. Os dados mostram que **o acesso precário à água, condição que afeta 26% da população global, tem dois grandes motivadores: o aumento da demanda** em razão do desenvolvimento econômico, estimado em 1% ao ano; **e a poluição**, resultado direto da pobreza. Ao mesmo tempo, entre 2015 e 2018, foi verificado um incremento de 9% em eficiência no uso da água, puxado, principalmente, pela indústria, que melhorou o indicador em 15%.

**Diante dos fatos, não seria o caso de focar o debate na redução da pobreza e da desigualdade, e destravar os mecanismos de transferência de recursos dos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento?** Ao que parece, a humanidade sabe como gerenciar o recurso, a dificuldade está em democratizar o bem-estar e a qualidade de vida.

“Todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável têm ligação com a água, não apenas os óbvios”, afirmou Mazzucato. “Eles estão conectados. Inclusive o ODS 5, que trata da equidade de gênero”. Como exemplo, ela cita uma realidade enfrentada por mulheres em Serra Leoa, na África, que precisam deixar a segurança de suas casas para buscar água, às vezes por longas distâncias, e no caminho são estupradas.

## O financiamento da guerra como modelo para questões sociais

O termo **“economia real”** ganhou força recentemente, muito em razão do momento turbulento na geopolítica, com a guerra na Europa e a pandemia. Ele é usado para **resumir o motivo pelo qual políticas macroeconômicas, frequentemente, dão pouco resultado** “na ponta”, ou seja, não mudam em nada a vida do ser humano comum, que é quem lida com as consequências práticas dos apertos de juros e das escaladas inflacionárias. Dar nome ao boi, no entanto, não faz dele um economista.

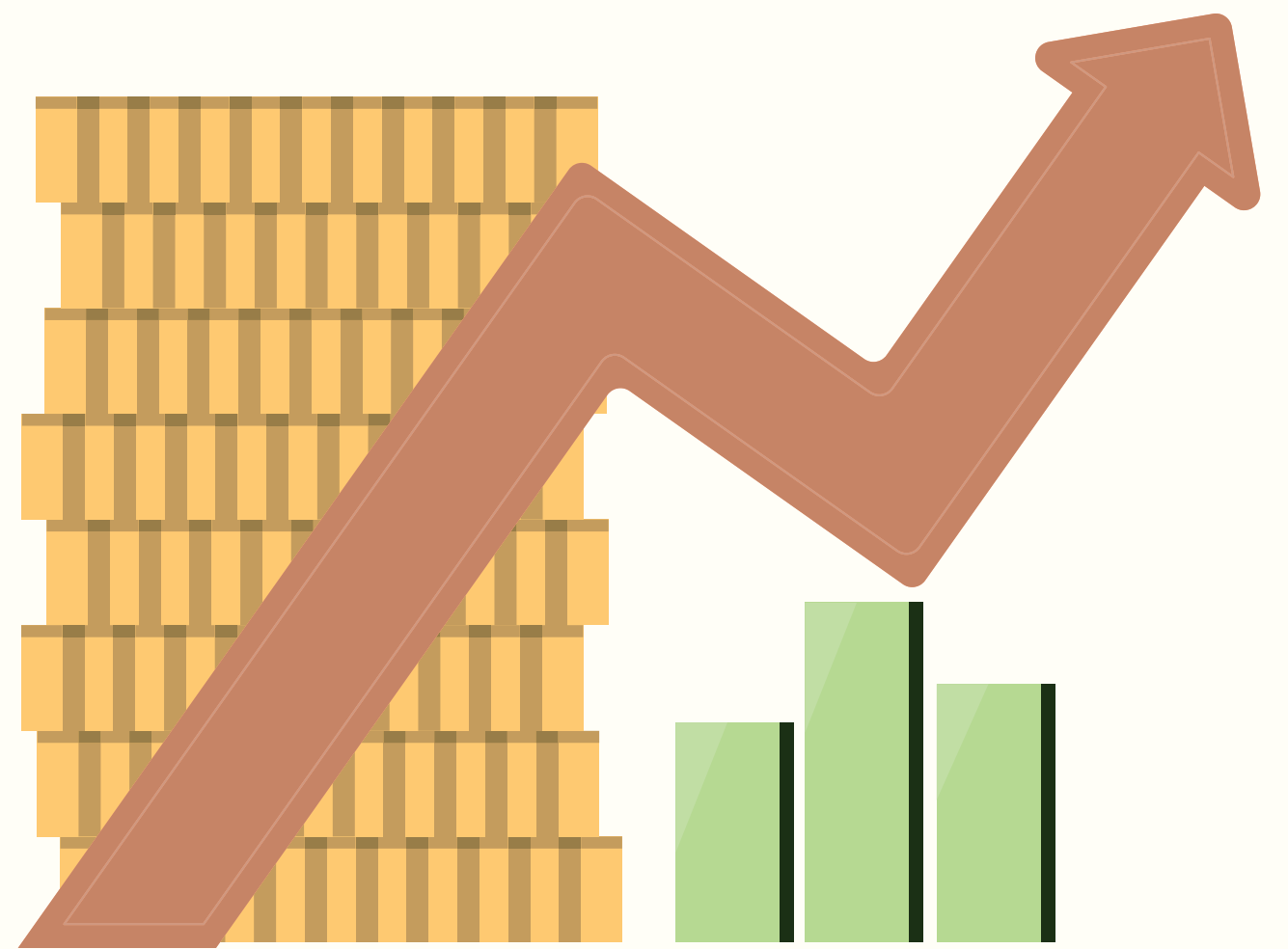
*Para Mazzucato, a questão é **como aplicar os recursos financeiros na solução do problema**, o que pode parecer óbvio, mas, assim como há diversas maneiras de fazer capitalismo, há diversas maneiras de financiar a infraestrutura social de um país. Um cenário ruim é o que ela chama de preguiça e inércia no espaço público-privado, resultado de subsídios problemáticos e garantias mal definidas.*

**Uma solução para isso é tratar o desafio de resolver problemas sociais como se faz com a guerra.** Em períodos de conflito, diz Mazzucato, **recursos financeiros são alocados com a velocidade e o volume adequados para superar o inimigo** – e geralmente, no caso dos perdedores, ultrapassam a capacidade de gastos da nação. Por que não fazer isso, em menor escala, para situações como crises de violência nas cidades e a falta de saneamento?

“O Brasil tem um exemplo de *‘outcome oriented budgeting’*, em Porto Alegre”, diz ela, em referência ao **modelo de orçamento focado em resultados**, que foi utilizado pela capital gaúcha. Nesse modelo, **os gastos e investimentos são organizados em torno de um problema específico, e não em setores generalistas, e a liberação dos recursos depende dos resultados alcançados.** “A solução, como Shanmugaratnam vinha dizendo, é transformar o financiamento por concessão em financiamento *por condição*, em que o investimento na transformação dos setores é uma condição para as parcerias público-privadas.”

## Como os bancos públicos podem beneficiar o Brasil

Antes de Mazzucato, Shanmugaratnam já havia ressaltado que **o Brasil, com todos os seus problemas, também oferece soluções e serve de modelo.** Entre elas está a atuação do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Bancos públicos, se bem utilizados, **ajudam a evitar a preguiça e a inércia** que acomete, frequentemente, o espaço público-privado.



“  
Um país pode se beneficiar de um banco público eficiente.  
”

Mariana Mazzucato, economista

Faltava apenas uma parte da pergunta a ser respondida: **a melhora da eficiência no uso da água pode evitar que o planeta entre em crise pela falta desse bem tão valioso?** “Nossos dados são claros ao mostrar que a eficiência, sozinha, não resolve”, disse Johan Rockström. **Ao que parece, a humanidade, e o capitalismo, não vão se salvar sem aprender a compartilhar os bônus do crescimento econômico.**



Bacia do Rio Guandu, no Rio de Janeiro, que abastece a capital carioca.

## Privatizar *ou* não, eis a questão

Imagine não poder receber pessoas em casa. *André Salcedo*, diretor-presidente da **Sabesp**, enxerga nessas pequenas dificuldades o drama de quem não possui saneamento. “A pessoa não consegue reunir os parentes e amigos porque passa um esgoto a céu aberto na rua. É uma falta de dignidade e cidadania”, explica Salcedo.

O executivo viajou aos Estados Unidos para participar da Conferência das Águas da ONU, fórum de discussões que não era realizado desde 1977 – esses 46 anos, por sinal, coincidem com o tempo de vida de Salcedo. “Muita coisa aconteceu nesse período, com a expansão das cidades, a favelização etc.”, afirma. “E esquecemos da água, até que ela ficou escassa.”

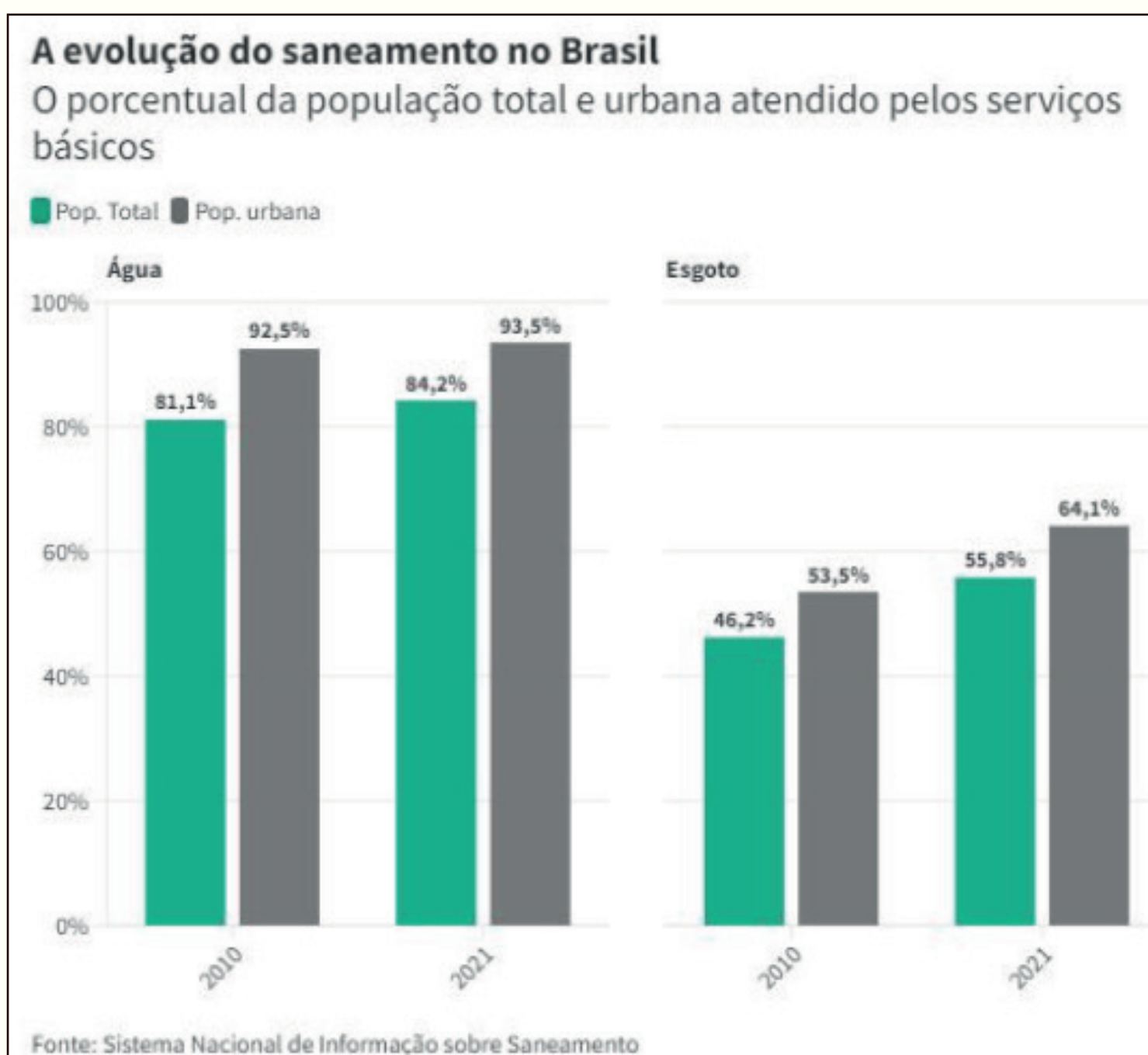
Hoje, diz o presidente da Sabesp, **a água é um recurso escasso e é fundamental que todos os elos da cadeia estejam conscientes disso**. Por elos da cadeia, entenda-se basicamente todas as empresas, governo, sociedade e qualquer stakeholder que dependa da água para viver, ou seja, tudo no planeta. A partir dessa constatação, Salcedo determina a **grande meta da companhia**, responsável por levar água a mais de 28 milhões de pessoas em 375 municípios.

“O importante é o resultado para a sociedade, o que independe da estrutura de controle”, afirma.

O governador de São Paulo, *Tarcísio de Freitas*, se elegeu a partir de uma plataforma econômica liberal, prometendo eficiência e um governo enxuto. Sua ascensão política aconteceu a partir do seu trabalho no Ministério da Infraestrutura do governo de Jair Bolsonaro, elogiado por diversas instâncias do setor privado pela celeridade com que conduziu obras e concessões.

Com esse background, era de esperar uma certa **pressão por privatizações**, especialmente de uma companhia de economia mista em um setor aquecido, como a Sabesp. “Acredito que é uma operação que pode transcorrer no ano que vem”, afirmou Freitas ao ser questionado sobre o prazo para a privatização da empresa de Saneamento, há duas semanas. No final de fevereiro, o governador autorizou a contratação de estudos sobre a viabilidade financeira da desestatização.

Salcedo não se preocupa com essa questão. Ao assumir a Sabesp, garante o executivo, recebeu do governador **autonomia para gerir a companhia**, juntamente com a missão de **eleva o nível de eficiência** das operações.



“Esse é meu papel. A decisão sobre privatizar cabe a quem tem as ações”, diz ele. O que não o impede de opinar sobre o papel do Estado. **“O desafio do saneamento é tão grande, que demanda uma combinação entre o público e o privado. Em alguns lugares, onde não há viabilidade econômica para o setor privado, o Estado terá de atuar”**, explica.



## O exemplo que vem do Brasil

No segundo dia da Conferência, um grupo de 50 das maiores companhias globais anunciou, em Nova York, um compromisso para **acelerar as ações** referentes ao cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável de número 6, que trata do acesso à água. Essas companhias operam em 130 países e empregam mais de 2 milhões de pessoas. A iniciativa foi batizada de Open Call for Water Action, e foi coordenada pelo Pacto Global da ONU, braço das Nações Unidas que congrega o setor empresarial.



Precisamos de ações coletivas para assegurar que haverá água para todos num futuro próximo. [...] As empresas são as maiores consumidoras de água, e é do interesse delas garantir que esse recurso seja gerenciado de maneira responsável, justa e sustentável.



disse Sanda Ojiambo, CEO do Pacto Global.

O que pouca gente sabe, é que **o Brasil inspirou** em grande medida a criação desse compromisso.

## Brasil serviu de *benchmark*

O Pacto Global da ONU no Brasil, parceiro institucional da EXAME, é o único a manter uma divisão específica para o ODS 6. Ela é chefiada por Rubens Filho, gerente de Água e Oceano do Pacto no Brasil. É também **o único escritório da entidade a incluir o setor de saneamento na discussão**. Isso se deve a **dois motivos**: as características do mercado brasileiro, em que as empresas têm um protagonismo maior em relação ao saneamento, e a importância do país no assunto águas, uma vez que **o Brasil possui a maior reserva de água doce do mundo**.

**A plataforma de águas brasileira é composta de três metas: acesso à água potável, universalização do saneamento, e a recuperação de bacias hidrográficas.** É essa última meta que, a partir do compromisso lançado em Nova York, se tornará global – e as empresas brasileiras que já assinaram os compromissos localmente estão elegíveis para entrar na iniciativa global.

## Proteção de bacias hidrográficas

Globalmente, **o compromisso prevê esforços para a preservação de 100 bacias hidrográficas ao redor do mundo**, duas delas no Brasil. Também obriga as empresas a fazer **investimentos em soluções climáticas** baseadas na natureza, a **implementar estratégias para escalar práticas de eficiência hídrica** em suas cadeias, **incrementar as estratégias de resiliência hídrica** em suas operações, entre outros compromissos.

## Saneamento é ESG na veia

**André Salcedo**, da Sabesp, **destaca a importância da estratégia social, ambiental e de governança** (ESG, na sigla em inglês). “Saneamento é ESG na veia”, se empolga o executivo. A parte ambiental é óbvia, manifesta no fato da Sabesp lidar com um recurso natural altamente impactado pelas mudanças climáticas e pela poluição.

A conferência da ONU trouxe preocupações adicionais nesse ponto: de 11 indicadores estabelecidos para acompanhar as metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 6, que trata do acesso à água, cinco sequer contam com dados efetivos. E alguns precisam quadruplicar o desempenho se o mundo quiser resolver o problema.



Segundo a ONU, **26% da população mundial, o equivalente a 2 bilhões de pessoas, não contam com acesso seguro à água potável.** Quando se trata de saneamento, a situação é ainda pior: **mais de 3,6 bilhões de pessoas,** quase metade dos humanos no planeta, **carecem de tratamento adequado de seus excrementos,** o que agrava outro problema urgente em se tratando de água, a poluição, um dos catalisadores da endemia de falta d'água.

**Os dados conectam a questão ambiental com a social,** que se manifesta de diversas formas na sociedade, **desde a falta de dignidade de quem não conta com tratamento adequado para seus rejeitos, até questões sistêmicas envolvendo saúde pública.**

O presidente da Sabesp compara o saneamento a outras infraestruturas básicas, como saúde, segurança e educação, que também demandam grandes investimentos de longo prazo. E **sugere ao poder vigente um olhar estruturado para a expansão das cidades,** para se estabelecer um plano abrangente de segurança hídrica, que **direcione os recursos financeiros disponíveis ao que realmente importa: o bem-estar da população.**





**example.**